

REVISTA DA
ACADEMIA
PIRACICABANA
DE LETRAS



LUMEN SPARGIT

ANO XV - Nº 21
PIRACICABA - 2024

REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

2024



APL
Academia
Piracicabana de
Letras

Ano XV – nº. 21
Piracicaba – Novembro de 2024

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação da Academia Piracicabana de Letras,
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na
Rua Prof. José Martins de Toledo, 109, sala 01 – Jaraguá
CEP 13403-032, em Piracicaba.
E-mail: academiapiracicabana@gmail.com
Site: academiapiracicabana.com.br
Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITORA RESPONSÁVEL:
Ivana Maria França de Negri

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada ao Editor no seguinte endereço eletrônico:
E-mail: ivanamfn@yahoo.com.br

CONSELHO EDITORIAL:
Evaldo Vicente
Edson Rontani Júnior
Ivana Maria França de Negri
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:
Ivana Maria França de Negri

DIAGRAMAÇÃO E CAPA:
Monique F. Carvalho (19) 99343-7876

PRODUÇÃO GRÁFICA:
Primeira Leitura

* * *

Os textos apresentados espontaneamente para esta edição são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Sumário

Apresentação	5
Antonio Carlos Fusatto - Marina / Festa na roça / Estela: Star Light.....	7
Antonio Filogenio de Paula Junior - Uma breve reflexão sobre o clima.....	10
Aracy Duarte Ferrari - Brasil, país de contrastes / Vivência / Passagens.....	13
Bianca Teresa de Oliveira Rosenthal - O que consumimos / Supermercado de emoções / Liberdade. Será? / Delicio-me / Paradoxos da vida.....	16
Carmelina de Toledo Piza - A casa de porta amarela.....	20
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto - Kafka e a metamorfose.... / Dos espelhos da alma... / Meninos invisíveis / Tardes opacas...	22
Cassio Camilo Almeida de Negri - Fraternidade / O aprendiz da Verdade.....	25
Christina Aparecida Negro Silva - Emma / Um encontro inusitado no presente/passado.....	27
Edson Rontari Júnior - Memórias de infância.....	31
Elda Nympha Cobra Silveira - Círculo da existência / Valores antagônicos.....	33
Eliete de Fátima Guarnieri - Philomena.....	35
Elisabete Bortolin - Festa do milho e as pamonhas de piracicaba, legados culturais / Origem das pamonhas.....	38
Evaldo Augusto Vicente - De entregador de jornais aos tribunais superiores.....	42
Ivana Maria França de Negri - Metamorfose / Efemeridade.....	44

Leda Coletti - Água, essência da vida / A Natureza é Bela! / Revoada / Fronteiras...sempre fronteiras... / Salvem o Planeta Terra!	46
Lídia Varela Sendin - A Cruz nos ensina a amar / Palavras em harmonia: poesia / O avesso do verso / (Di) Vagando	51
Marcelo Pereira da Silva - Maria de Maria	55
Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins - Gregório, o jardineiro feliz.....	57
Maria Madalena Tricanico de Carvalho Silveira - Vó! Cadê os palhaços? / Ah! Se... ..	61
Marisa Bueloni - Naquele tempo... / Luz para o mundo / Este mundo passará.....	63
Newman Ribeiro Simões - Gramétrica / Nosostros / Vida verde....	69
Raquel Delvaje - Continuação do poema Cantares da Travessia.....	73
Shirley Brunelli Crestana - Ciclos / Coerência / Contemplação / Espera / Madrugada / Medo de ser / Recomeço / Rumos / Sons da noite / Tentativa / Vinho seco.....	77
Valdiza Maria Capranico - Piracicaba - cheia de Flores.....	82
Vitor Pires Vencovsky - Já para casa / Aventuras para a escola..	84
Walter Naime - A Torre de Babel e as torres de papel.....	86
APL em Ação 2023.....	88
APL em Ação 2024.....	96
Diretoria da Academia Piracicabana de Letras	108
Galeria Acadêmica.....	109

Apresentação

Nos últimos anos, foram realizadas diversas atividades que contribuíram para o desenvolvimento da literatura em Piracicaba, principalmente voltadas para crianças e adolescentes.

Os eventos, que envolveram lançamentos de livros e encontros literários, foram fundamentais para a troca de experiências entre gerações e o fortalecimento das relação entre todos aqueles que se interessam na literatura.

A Academia Piracicabana de Letras (APL) participou ativamente da organização das duas últimas edições da Festa Literária de Piracicaba (Flipira), um evento que se consolidou e já faz parte do calendário de eventos culturais da cidade.

A interação com outras instituições também foi essencial para o sucesso das ações da APL. O apoio do poder público e de patrocinadores deu mais sustentabilidade aos eventos, indicando que estamos no caminho certo.

É importante considerar, ainda, a presença da APL na imprensa e nas mídias sociais. Estamos cada vez mais próximos dos cidadãos piracicabanos, mostrando que a literatura é um instrumento importante para a formação dos indivíduos.

A atuação da APL tem chamado a atenção fora de Piracicaba. Já recebemos consultas de pessoas interessadas em criar academias de letras em suas cidades.

Parabéns aos acadêmicos! A Academia Piracicabana de Letras está muito ativa e vem cumprindo sua missão, conforme estabelecida pelos fundadores em 1972.

Boa leitura!

Vitor Pires Vencovsky
Presidente

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO
CADEIRA 6 - PATRONO: NÉLIO FERRAZ DE ARRUDA

Marina

Avante! Jangadeiros,
da terra das jandaias e carnaúbas.
Cavalgas ondas em barcos frágeis,
que ventos fortes, as velas enfunam.

Correnteza leva barcos longe da terra,
onde filhos desnutridos esperam,
em toscas choupanas,
oásis de esperanças.

Ao entardecer,
brancas velas surgem no horizonte,
como gaivotas,
voltando aos ninhos!

Festa na roça

Pra comemorar o mês de junho, sertanejas
enfeitam o mastro dos santos: Antônio, Pedro e João.
Jovens e crianças carregam lenha pra fogueira,
cantando, dançando e fazendo oração.

Como é Linda a cultura sertaneja, simples e ordeira!...
com cravo, canela, cachaça, gengibre, água e açúcar, dá delicioso
quentão.

Batata assada nas cinzas da fogueira,
amendoim, pipoca, milho verde e pinhão.

Batendo colher de pau na gamela,
Nhá Izabé: “bolo de fubá é um doce mió de bão”!...
com: leite, fubá, erva doce, ovos, açúcar e canela,
saborosa iguaria pra festa de São João.

Quando surge o rezador,
segurando o terço e fazendo oração.
Os devotos se ajoelham em louvor,
aos santos: casamenteiro, porteiro do céu e João.

Após a reza, o arraiá se ilumina,
luz da fogueira e lampiões.
Sanfoneiro anuncia: vai começar a quadrilha!...
espocar de rojões e busca-pés, no céu os balões.

Sanfona, tambor e pandeiro,
clarineta, cavaquinho e violões.
Arrasta-pé, noite estrelada e, o fogueteiro,
continua espocar os fogos e soltura de balões!...

Saudade da infância e, a palhoça antiga,
daquele mui amado rincão.
As histórias do bondoso preto velho, ainda me fascinam;
sobre sacis, curupiras e caçadas no grotão!...

Estela: star light

Agosto quinto dia,
um novênio do nascer
d`uma estrela,
que muita luz irradia!

Estela querida neta;
Brinca alegre, vivaz e graciosa.
Linda flor desabrochando,
tão bela qual rubra rosa.

Dona d`um meigo riso,
quando cansado, entristecido:
Repouso meu olhar,
na paz do seu sorriso.

Quando você fica tristonha,
também o céu fica mais negro.
Como em noites de tormenta,
que das flores, pétalas desfolham.

Neta querida, não quero ve-la triste,
as lágrimas do seu chorar,
molham minh'alma, deixando-a dolente.
Sorria, ele é luz, descanso pro meu olhar!...

Uma breve reflexão sobre o clima

Há muito tempo ouço dizer que o clima está mudando, que as estações do ano estão cada vez menos definidas, o que altera sensivelmente as condições da vida na terra. Em torno dessa percepção, sentida pela maioria das pessoas, surgem muitas opiniões a respeito. Elas são importantes, fazem parte do direito individual de dizer o que se pensa. Porém, é necessário que se tenha certa coerência. É importante ler e ouvir os apontamentos das pesquisas, o que tem sido descoberto sobre os muitos fenômenos relacionados ao clima.

Embora a ciência não possa responder tudo, ela assim o faz de modo pontual a partir de métodos e análises que consigam comprovar, mesmo que provisoriamente, as suas investigações em curso, muitas já com conclusões bastante elaboradas.

Por mais que as opiniões sejam validas, elas somente são plausíveis quando estabelecidas em critérios de bom senso e crítica. Sendo que, em relação ao clima a grande maioria dos cientistas em diferentes lugares do mundo afirmem que as mudanças climáticas têm sido impactadas profundamente pela ação humana, em especial por países que controlam a macroeconomia mundial.

Muitos fenômenos registrados confirmam isso, ou seja, esse alerta está sendo feito e chama atenção para o que a natureza está expondo. Várias das tragédias que ocorrem são catástrofes anunciadas, mas que pouco interferem na lógica dos interesses envolvidos.

Os modos como o ser humano se relaciona com a natureza tem sido distintos, sobretudo em relação ao ocidente que ao longo da modernidade estabeleceu uma distância do ser humano com a natureza. Algo que acarretou de modo muito extremo para alguns a noção separada entre natureza x cultura, o que coloca a segunda em supremacia em relação a primeira, pois ao ser atribuída de forma praticamente exclusiva aos humanos, os afirma como superiores em relação à própria natureza em si.

Essa narrativa tem sido bastante tensionada nos últimos anos com a percepção e constatação científica de que primeiro, talvez a cultura não seja um atributo somente humano, algo que desafia a lógica da racionalidade ocidental, pois complica todo um arranjo de mundo que passa a colocar a pretensa superioridade humana em um lugar de questionamento. O segundo aspecto está no fato de que independente da cultura somos natureza, parte dela, entramados e emaranhados em todo ciclo natural da vida na terra. Sendo assim, qualquer dano causado ao meio nos impacta diretamente.

No entanto, essa crise do ocidente não é algo que surge em outras epistemes de mundo, presente em outros povos, embora essas sofram os danos ocasionados por posicionamentos políticos e econômicos alheios ao todo.

Nessas culturas o conhecimento da terra, da natureza conduz à compreensão de que ela seja a nossa mãe, a quem se deve respeito, gratidão e cuidado.

Quando o mestre quilombola Antonio Bispo dos Santos, mais conhecido como Nego Bispo escreveu “A terra dá, a terra quer” já alertava a partir de reflexões ancestrais o que a ciência ocidental vem constatando e tornado mais evidente nas pesquisas recentes. O ser humano tem causado um profundo desequilíbrio ao ambiente, o que coloca em desarmonia todo o conjunto da vida.

A terra dá está associada a ideia da condição, ou seja, ela nos dá a condição concreta da existência da vida e ela quer o nosso cuidado. Essa é a responsabilidade do ser humano, o cuidar do meio, do *ethos* em que habita como casa comum.

A tragédia que acontece no Rio Grande do Sul e muitas outras que tem acontecido em diferentes regiões do Brasil e do mundo são sinalizações de uma terra em sofrimento.

O mais recente empossado da Academia Brasileira de Letras, o sábio Aílton Krenak ao longo de sua vida sempre afirmou o cuidado da terra realizado pelos povos originários do Brasil, muito antes de se falar em biomas, ecossistemas ou mesmo de ecologia. São práticas alicerçadas em uma proximidade integrada com a terra e todos os seus seres.

Não há mais dúvida que o preço da conta está aumentando e

o que estava longe, está mais perto. A ciência vem alertando o que muitos povos do mundo já sabiam e temiam. As atitudes irresponsáveis, inconsequentes, muitas vezes mediadas pelos interesses capitalistas imediatos transformaram a perspectiva de sentido da vida em um caminho de morte, cada vez mais sem controle.

Ainda dá tempo de sair dessa lógica? Acreditamos que sim, ainda temos a esperança, o sonho e a utopia e se eles nos aparecem como possibilidade, mesmo que metafísica num mundo de ideias como Platão escreveu, é porque essa materialidade pode ganhar forma e concretude em algum momento. De acordo com as tradições afro-indígenas se sonhamos, imaginamos e projetamos é porque somos capazes de realizar.

O ser humano em sua natureza pode ser com o outro de outros modos, o ser – sendo, o *Ubuntu* da filosofia africana *bantu* que tem total correspondência ao pensamento indígena. Este ser – sendo é com o outro e pelo outro. Esse outro a que nos referimos é o todo da natureza e não somente as pessoas. Se trata do nós.

É fundamental sair da distopia absurda de discursos alienados da realidade e do comprometimento pela vida, assim como de uma organização despolitizada de sentido que insiste permanentemente na negação do evidente. Ela consome a energia e ofende a sanidade mental, espiritual e emocional dos sujeitos.

O *Ubuntu*, o ser – sendo que somente é quando os outros são, nos coloca diante de uma ontologia do ser em si como *devir* permanente para o projeto do por – vir como encantação do real no futuro que se configura no *é/estar* do agora. Com isso, não permitamos que o faminto *Kronos* nos engula, sacralizemos o nosso tempo. A história não falha, desde que seja configurada em todas as evidências.

Tivemos muitos momentos que poderiam ter sido de aprendizado para todos, mas infelizmente ainda não foram apreendidos, ao menos não o suficiente. Sigamos na proposta do em – comum de nossas vidas e partilhas. Assim, celebra-se a comunhão, tal como ensinado pelo judeu – palestino há 2024 anos atrás. Ainda vale a pena o amor e não a guerra. Viva a *Pachamama* e todo conjunto dos seus filhos!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI
CADEIRA 16 - PATRONO: JOSÉ MATHIAS BRAGION

Brasil, País de Contrastes

Imensidão de terra... e os sem-terra não têm onde plantar e sentem-se revoltados, infelizes, sem dinheiro, sem alimento, sem educação, sem saúde, sem teto...

Imensidão de água... Muitos sem água encanada, retirando-a de poços, cisternas e riachos... Demonstram tristezas e desilusões por sentirem a má distribuição de benfeitorias do governo.

Imensidão de matas virgens e ciliares produtivas... muitos não têm madeira para construir suas casas. Estas, verdadeiros barracos, construídas em áreas de risco, sem segurança e sem infraestrutura.

Imensidão de grãos colhidos às toneladas... mas não chegam minimamente a nutrir as famílias carentes.

Mas, um outro segmento da população convive com dinheiro abundante, bens, mordomias, aproveitam os benefícios advindos das suas falcatruas, enriquecendo do dia para a noite (alguns). Os chamados mensalões que alguns dos senhores deputados federais e ministros já citados na CPI vêm corroborar com a afirmação supracitada. O compromisso assumido dos envolvidos é unicamente dançar a mesma valsa com o partido que dirige a nossa pátria amada, idolatrada. Salve! Salve!

Estes se encontram em situação econômica privilegiada e sentem-se felizes, sorridentes, espalhando alegria e procurando atrair fiéis eleitores.

Vivência

“É necessário um tempo para meditar sentindo a importância de cada momento no exato momento.”

Não percebi, mas o tempo passou... e como! A vida é um quebra-cabeças! Analisei alguns fatos passados e senti-me feliz. Mas o que é a vida, a não ser uma sequência de acontecimentos que são pintados com a cor de nossa preferência. Refleti por um mo-

mento em quantas coisas já tinha realizado, quantas alegrias e conquistas tinham se concretizado e, quantas decepções e derrotas tinham sido experimentadas no decorrer de várias dezenas de anos. Tudo isso que não podia retroceder jamais para ser revivido ou consertado, ou ser vivido de outra forma.

A vida é um quebra-cabeças, ou será que é uma estrada infinita construída de altos e baixos, de bons e maus momentos? Seja qual for a explicação, senti que comparando as alegrias e tristeza, eu havia sido mais feliz do que triste. Aborrecimentos, frustrações e conflitos não foram tão poderosos para afastar-me do caminho que tracei para mim: estudar, trabalhar, criar uma família, caprichar na educação dos filhos, pois eles são nossos tesouros, frutos do amor.

E por ter investido tanto nos meus filhos, tenho hoje, além da presença deles, muito amor e muito carinho. Posso dizer que vivi corretamente e estou realizada por isso. Não há um provérbio que diz: “Colhemos o que plantamos”? Com certeza, colhi tudo o que plantei.

E o porquê de ter sabido conduzir minha vida pode ser explicado por outro sábio provérbio que complementa o anterior: “Os exemplos edificam”.

Passagens

Jamais conseguirei escrever tudo o que intenciono: lembranças, registros históricos passados e presentes, e mais, projeções, sonhos, que envolvem passagens engraçadas, coloridas, matizadas, coisas intrigantes, temas sobre os amigos, relativos aos amores que tive. Passagens da minha vida, da minha vivência junto a pessoas de idades diferentes, de personalidades várias. Passagens de mim, emotivas, envolventes, tímidas, que podem causar diferentes sentimentos, gestos espontâneos, envolvimento, sorrisos e sustos. Enfim, pura emoção!

Idealizo também pintar, não uma natureza morta, mas uma tela de formas contemporâneas, mas uma paisagem estranha. Uma forma humana construída com pontos de interrogação, de exclamação, vírgulas, pontos finais e pontos e vírgulas, tudo em

cores vibrantes, amenizadas pelas perguntas e respostas, que fazem contraste por causa das tonalidades claras. Corpo estranho, meio humano, meio grotesco, figura inespecífica e inexata, corpo desconhecido que pode representar qualquer ser, qualquer imagem.

Pensei em pintar um autorretrato! Descobri, porém, que a minha imagem se encontra no meu relicário e não deve ser exposta assim, sem mais nem menos. Para mim, a imagem de todas as pessoas está bem guardada em seus respectivos relicários, que devem ser abertos com muito cuidado! Quando a imagem é exposta, na certa, o coração pulsará descompassadamente, porque nesse momento, ela desnuda os envoltórios amorosos presentes e passados! Somente o retorno à escuridão, na qual sempre viveu, dará conta de acalmá-lo, tornando-o feliz e ritmado outra vez.

Não desisti do meu intento por causa disso, somente compreendi que tudo deve acontecer no seu tempo exato, como os fenômenos naturais acontecem segundo as regras precisas da física... Para que os fenômenos humanos também ocorram na mesma ordem, devemos ser sensíveis, cumprimentar as pessoas, devemos ser alegres, cantar e, se possível, distribuir gotículas de amor, juntas com o vento que acaricia o nosso rosto. Devemos ainda enxergar em nosso redor o outro, o próximo; falar com ele palavras coerentes, estimuladoras, porque não existe no mundo quem não precise de um alento, de elogios diretos ditos olho no olho, e de carinho. Tudo isso que é capaz de elevar a autoestima.

Pelo fato de na rotina diária da nossa vida nos confrontarmos com contratempos, é importante que cada um tenha a sensibilidade de estender a mão para quem está desarvorado e não consegue distinguir o que é positivo do que é negativo, nas situações que enfrenta. Tudo são passagens, na verdade, aquela atravessada pelo desarvorado e a outra que mostra como podemos ser mais humanos.

O que consumimos

Precisamos aprender a ser consumidores emocionais inteligentes, o que passaremos a explicar. Em suma, um consumidor é toda pessoa que adquire bens de consumo (produtos e serviços), alguém que faz compras, que consome. O profissional de marketing trabalha para atrair o consumidor a adquirir o produto apresentado, utilizando recursos audiovisuais para despertar desejo sobre o produto oferecido. Ao visitarmos um supermercado ou uma loja, escolhemos o que queremos comprar, considerando a qualidade do produto, o prazo de validade, as informações nutricionais, as informações sobre a utilidade, as garantias, entre outros aspectos. Queremos adquirir produtos bons e saudáveis para nosso consumo e o de nossas famílias. No mundo das emoções, devemos agir da mesma forma, ou seja, comprar somente aquilo que nos faz bem!

No entanto, além dos problemas no trabalho, questões pessoais e o congestionamento no trânsito, somos diariamente confrontados por terríveis notícias na televisão e na internet, ofensas gratuitas e propagação de ódio nas mídias e nas redes sociais, que podem perturbar nosso sono, causar sofrimento, remoer mágoas e nos deixar irritados e angustiados. Muitas dessas notícias são falsas, as chamadas *fake news*, que acabam gerando confusão, repulsa e desentendimentos, nos fazendo sentir psicologicamente violentados.

Todavia, não podemos absorver toda e qualquer ofensa. Precisamos aprender a filtrar, a respirar por alguns instantes antes de reagir diante de uma provocação. É necessário trazer lucidez aos nossos pensamentos perturbadores e para isso precisamos treinar nosso controle emocional. Não é fácil, mas é possível! Não há uma fórmula mágica, mas sim autoconhecimento, disciplina e paciência.

Uma das brilhantes frases de Augusto Cury que aprecio é: “O pior cárcere não é o que aprisiona o corpo, mas o que asfixia a

mente e algema a emoção”.

Devemos filtrar. Apesar de muitas tragédias ganharem destaque nos noticiários, há também muitas coisas boas acontecendo no mundo. Claro que precisamos estar cientes das coisas ruins, nos insurgir e enfrentá-las, mas também devemos valorizar e promover as coisas boas. Devemos avançar com projetos que deram certo e resgatar a humanidade, a generosidade e a solidariedade.

Pense em um supermercado de emoções. Coloque apenas o que é bom no carrinho e deixe de lado produtos estragados, sujos e danificados. Não leve lixo para sua casa. Certamente gostamos de nossas casas limpas e perfumadas. No reino das emoções, deve ocorrer o mesmo. Devemos remover a sujeira diariamente, limpar e arejar.

É verdade que não podemos evitar sentir emoções, inclusive as desagradáveis, mas podemos decidir o que faremos com elas. Podemos permitir que nos dominem – ou não! Os pensamentos geram sentimentos e emoções. Que nossos pensamentos sejam positivos!

Anthony Robbins também tem uma frase muito pertinente sobre o assunto: “Assuma o controle das suas emoções mais consistentes e comece conscientemente e deliberadamente a remodelar a sua experiência diária de vida”.

Encerro essa reflexão com um poema sobre o tema:

Supermercado de emoções

Gastar energia emocional inútil?
Pra quê? Dispense o que é fútil.
Se for gastar energia,
Que seja com algo útil.
Imagine um supermercado de emoções.
Não leve o que está estragado.
Produto danificado?
Não, obrigado.
Coloque apenas o que é bom no carrinho.
Pense com carinho.
Vai te fazer bem?

Pode comprar!
Não tem certeza?
Melhor deixar!
Sabe que não?
Dispense então!
Compre somente o que faz bem ao coração.

Liberdade. Será?

Vivemos realmente livres
Em nossos domínios?
Ou vivemos tristes
Trancados em condomínios?
Somos prisioneiros em nossas moradas
Com medo das emboscadas?

Sáímos de forma discreta.
Temos câmeras, cerca elétrica,
Portaria, segurança e tudo mais.
Olhamos várias vezes para trás.
É correto chamarmos de liberdade?
A resposta é uma triste realidade!

Para que seja livre a Nação
Não só o Governo, mas o povo -
Deve acabar com a corrupção!
Precisamos ser livres no corpo
E também na mente.
Seria tudo tão diferente...

Gerenciar os próprios pensamentos,
Poder fazer escolhas sem julgamentos,
Debater ideias sem desrespeitar,
A essência de cada um preservar...
Seria o princípio do caminho
De quem quer ser livre sem estar sozinho.

Delicio-me

Delicio-me com flores brancas,
chumaços de algodão,
natureza que encanta,
bolhas de sabão,
nuvens, gaivotas,
minha sombra no chão,
bolo de chocolate,
café com pão...
Delicio-me com coisas simples
que tocam o coração.

Paradoxos da vida

Alguns falam melhor quando emudecem.
Outros só dizem verdades quando enlouquecem.
Alguns reclamam de barriga cheia.
Outros agradecem pelo sangue que corre em suas veias.
Muitos verdadeiros artistas são anônimos.
Alguns célebres na vida real são antagônicos.
Alguns falam de amor e propagam a dor.
Outros conseguem ver a beleza no desabrochar de uma flor.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMELINA DE TOLEDO PIZA
CADEIRA 29 - PATRONO: LAUDELINA COTRIM DE CASTRO

A casa de porta amarela

Quando abro o portão branco de ferro encontro o sorriso da criança.

Um dia é o menino, no outro dia é a menina.

Ganho o abraço abraçado e o grande mistério acontece.

O renascimento da minha criança com a criança que acaba de chegar.

Sorriso que paira no ar

Para compreender e encorajar a mulher.

No jardim os mensageiros do vento nos acolhem.

O vento sopra

Uuuuuuuuuuuuuuuuuuu!!!

As penas do mensageiro do vento balançam

E o vento

Uuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu !!!

E logo a criança alcança o giz e a parede de lousa recebe um risco, um rabisco.

Risca e rabisca a parede e diz:

Eu amo desenhar!!!!!!

Caminho em silêncio e olho a criança que já está no lugar encantado: giz de cera, lápis colorido, tinta, cola e papel branco, prata, dourado, grande, pequeno...

É muito papel...

A tesoura que corta e recorta.

E a cantiga de brincar

No espaço arte, tudo pronto para

Colar e desenhar.

Cortar, cortar e cortar.

E a história?

Invento e reinvento

Em um corta e recorta

As histórias acontecem

Era uma vez...
Nos meus olhos
É olhar para dentro de mim.
Neste olhar
Descubro a criança
Que precisa viver e reviver
A alegria da própria infância.

E assim termina a história...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA FERNANDEZ
PILOTTO

CADEIRA 19 - PATRONO: UBIRAJARA MALAGUETA LARA

Kafka e a metamorfose...

Foram me reduzindo ao minimamente micron
Cada desejo se esvaindo aos poucos pelo ralo
Não mais aos pedidos, ilusões ou aos sonhos
E fui assim mirrando expectativas ou futuro sequer

E como uma folha de outono voei escarpas ao nada
Sem destino, sem bússola, ao sabor do alheio
Determinando vazios, redesenhado meus anseios
Como programação neurolinguística
Ou choques em altas correntes

Como queria Nise com sua Arte reconstrutiva
Que operasse milagres em meus desconectados compartimentos
cerebrais
E fizesse de meus miolos neurônios pensantes ainda
Que vibrassem, que sorrissem, que vivessem
Pelas pradarias de universos desconhecidas

Mas estou ali acuada como barata em qualquer canto da casa
Aguardando dias vazios
Vazia e tolhida
Sem vida possível...



Dos espelhos da alma...

Nasci para a contemplação
Com dois olhos enormes espio aqui e ali
Ora lágrimas rolam, ora pupilas cintilam
E em cada contorno vejo luz e poesia

Quando prostrada, as pálpebras os aquietam
Hibernam momentos futuros
Sequiosos das marés instigantes

Quando rebelde, as retinas chispam
Transgressoras e inflamadas
Convertem ao papel a palavra inquieta

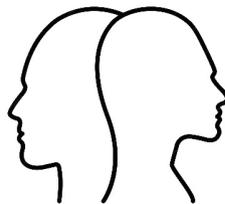
Doçura e amargor lá estão nas esverdeadas íris
Hipnose que ludibria rotinas maçantes
E transfigura realidade em intenso delírio...

Meninos invisíveis

Eles estavam lá
Em suas geografias
Entre hardwares e softwares
Teclavam suas histórias

Eu em meu universo lúdico
Não os encontrava
Sabia que ali estavam
Na primeira casa
Da Alameda Principal

Mas daí os mapas se juntaram
E os contornos de suas faces
Foram tomando formas
De vidas expandidas
Sabe, a convivência de rotinas



Murmúrios de bom dia
 Olhares afetuosos
 Sorrisos revelados
 Sonhos desvelados
 Saberes compartilhados

E agora habitamos o mesmo mapa
 Até quando Deus sabe
 Mas os meninos fixaram suas almas
 Na retina de nossas vidas...



Tardes opacas

No avançado de meus anos
 Sonhos se diluem em vazios
 Alguns ainda restam, esparsos
 Insistindo como marcas indelévelis

As câs em cinzas alternadas
 Sussurram ausência do vigor físico
 Esvaído em esquinas impessoais
 Solitude da urbanidade costumeira

Nas veias o fogo-fátuo das palavras
 Em alternâncias rareia-se de frequências
 Prenunciando o desaparego biológico
 Ansiando pelo quadrante próximo...



COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CASSIO CAMILO ALMEIDA DE NEGRI
CADEIRA 20 - PATRONO: BENEDITO EVANGELISTA DA COSTA

Fraternidade

Seu Camilo, já com seus 73 anos, aposentado há alguns anos, mas com muita saúde ainda, não tomava nenhum remédio e até andava de bicicleta para fortalecer as pernas, resolveu voltar a estudar.

Entrou na faculdade de Sociologia para tentar entender melhor a grande divisão da sociedade devido a duas ideologias opostas.

Gostava de ficar sentado na última cadeira da classe, apenas ouvindo. Queria mais escutar do que falar, por ser um tanto tímido, e por sentir que todos os jovens colegas e professores o tinham como um velho ultrapassado que voltara a estudar para não ficar pensando muito na morte que se aproximava.

Um dia, numa acalorada aula, onde o debate era entre o capitalismo e Comunismo, o recém formado professor, que se achava o dono da verdade, pergunta ao seu Camilo em tom provocativo e sarcástico:

– Seu Camilo, o senhor, que é maçom, como os símbolos maçônicos estão nas notas de um dólar do maior país capitalista do mundo? Nos dê sua opinião, qual o melhor dos dois sistemas?

O idoso, pego de surpresa, em sua timidez (ou humildade...) olha para um lado, para o outro, olha para trás, onde não tinha ninguém, pois era a última carteira, e tomando coragem, fica em pé e responde:

– “O Capitalismo deu ênfase à liberdade, mas cerceando a igualdade. O Comunismo deu ênfase à igualdade, mas cerceando a liberdade”. No entanto, ambos se esqueceram da fraternidade, pois só com fraternidade se tem igualdade e liberdade.

Esse é o segredo ensinado já há mais de 2000 mil anos por Cristo:

– “Amai-vos uns aos outros”.

A Fraternidade!

A sala de aula ficou em silêncio por alguns segundos e se irrompeu uma salva de palmas.

O aprendiz da Verdade

É a Índia antiga e moderna convivendo juntas.

Em meio ao festival de cores, luzes, colares e braceletes de mulheres de pé no chão, dentes bem brancos e conservados apesar da falta de higiene. Isso é próprio desse país de contrastes.

Nas ruas poeirentas, papéis amassados, garrafas plásticas vazias, vacas, macacos tentando roubar transeuntes e turistas, vendedores de alimentos não muito higiênicos...

Caminhões, carros, motos, riquixás de todos os modelos, buzinas mil, se misturam no trânsito caótico, com carros de boi, camelos e elefantes.

Todos esses elementos exóticos misturam o belo e o feio como em uma pintura de Salvador Dali.

E no meio desse caos que retrata o cosmos, num estreito beco, onde se vê a antiga estatua de Shiva, o Deus hindu que destrói para que se possa construir o novo, estava o jovem Chela (aprendiz) que pergunta ao seu mestre e guru: – “Mestre, como devo viver para entender o que é a Verdade neste mundo de ilusão?”

Ao que o guia responde:

– “Quando você é ignorante, acredita em Deus sem pensar. Quando você pensa um pouco, estudou um pouco, acha que sabe tudo, deixa de acreditar. Quando você pensa muito, estudou e aprendeu muito, vê que nada sabe e nada encontrou, daí volta a acreditar, percebe que nunca entenderá a Verdade se não acreditar em Deus. Isso é a fé verdadeira.

Portanto, o mundo é como uma ponte, não construas tua casa sobre ela, mesmo para me agradar. Essa ponte é apenas o caminho para sua verdadeira morada, onde encontrarás a Verdade.”

Emma

Debruçada no parapeito da janela da velha casa, ela olhava ao longe... olhos miúdos, pesados pela idade, porém brilhantes, pois voltava seu olhar para outro tempo, outro espaço, para dentro de sua vida de outrora, rica memória.

Via-se menina, de avental xadrez, carregando o ovo quente no bolso do acessório para a *mamma* grávida do irmãozinho que nasceria brasileiro. Via-se rindo... uma largueza de dentes bonitos a encantar o cozinheiro que, escondido, entregava o alimento durante a travessia do navio da Itália para o Brasil.

Ao piscar de olhos, via-se mocinha, *enamorrata* de Victório, *primo amore*, com quem teve 12 filhos e muitos netos. Via a netinha, da filha mais nova, sentada em seu colo na cadeira de balanço, embevecida com suas histórias.

Quantas saudades! Saída ainda menina de sua terra natal, apreensiva em um país de língua e costumes diferentes dos seus, apesar do aconchego dos pais e irmãos, descobriu-se uma mulher forte, decidida a lutar contra as vicissitudes com maestria. E quantos percalços enfrentou no início do século XX, que nós, hoje, nem fazemos ideia! Sem energia elétrica, passava a ferro em brasa a única camisa que seu marido tinha. Lavava-a à noite e de manhãzinha, já limpa e passada, ele a podia vestir para o *lavoro*. Criou seus filhos, ajudando seu marido na lida com tijolos de barro. Sim, ela também carregava a matéria prima para construir seu sonho, sua vida, seu país.

Enfrentou a Revolução Constitucionalista de 32, abrigando os soldados paulistas na disputa contra os mineiros, pois morava quase na divisa entre os dois estados. Agradecia a Deus por não haver visto nenhum derramamento de sangue por ali, apesar da tensão do conflito. Os bonitos moços de farda, segundo uma das filhas, só se hospedaram na grande casa, desfrutando da mesa farta e gostosa. Nessa época, a situação financeira estava mais estável com a fábrica de cerâmica produzindo para uma crescente

população tambauense.

Aos 60 anos, perdeu uma das vistas para o glaucoma, o azul do olhar como o mar mediterrâneo foi substituído por uma prótese de porcelana, tão perfeita que enganava até os filhos que sabiam desse procedimento cirúrgico. A imagem de Santa Luzia, carregando os olhos no pratinho, era sua relíquia.

Tanta vida deixou às gerações que a procederam. Muitas histórias de família, de risos alegres nos almoços festivos, de superação em situações difíceis, também de momentos de dor e perdas de entes queridos, da música de todos de sua família. Marido maestro ensinou a Arte aos filhos, netos e formou uma bela banda na cidade; a todos que queriam aprender música, tinha prazer em ensinar de graça. Tocava violino nos incipientes cinemas de então, enquanto era necessário esfriar a tela de projeção. A eterna saudade do companheiro que, dizia ela, vinha cobri-la todas as noites de frio por longos anos, mesmo depois de morto.

Quando lhe perguntavam se gostaria de voltar para rever seu país, respondia com um categórico – *No...o Brasil é mio país.*

Recordar da minha *nonna* me traz muitas saudades e também deixa meu coração cheio de gratidão por ter me permitido dar continuidade ao seu legado de amor por minha pátria, por gostar de música, de contar histórias, de comida italiana e ter muito respeito e reconhecimento pelos imigrantes (de todas as nacionalidades) que fizeram o Brasil.

Um encontro inusitado no presente/passado

Jamais me esquecerei daquela tarde de verão...

Descia desanimado a rua que ladeia o rio Piracicaba, observando o triste fio d'água a tentar encobrir as pedras do Véu da Noiva, cachoeira sem água, ossatura de pedras brancas, consequência do excesso de produtos químicos nas águas do rio, quando, perto do Museu da Água, ouvi um farfalhar de folhas nas poucas árvores dali. Sem eu mesmo entender o porquê, desci o barranco e me encaminhei para onde o som do canto de um sabiá me indicava.

Momento estranho, as poucas árvores tornaram-se frondo-

sas, o mormaço da tarde foi trocado por um frescor verdejante e vi, a poucos metros de mim, um menino que parecia procurar algo no chão, coberto de folhas secas e flores. Flores? Mesmo o rio, há pouco tímido em volume d'água, estava caudaloso e a linda cachoeira vertia feliz suas águas borbulhantes. O barulho de carros foi substituído por gorjeios de pássaros e aplausos de folhas à fresca brisa.

O menino parecia saído de um álbum antigo, trajava um uniforme escolar azul marinho com camisa branca. Camisa? Muito esquisito aquilo tudo, sem camiseta, tênis ou boné, o menino olhou-me chegando e disse – Ah, pensei que fosse ela. Ela? Quem seria? Uma namoradinha, talvez. Com a curiosidade aguçada, perguntei: – Quem? Ele pousou seus olhos vívidos em mim, respondendo: – A FILHA DA FLORESTA! Eu a encontrei aqui, certa tarde, atraído pelo canto de um sabiá. Eu estava enlevado, quando senti a presença de alguém que me observava, assim como você fez há pouco. Então, eu me virei e a vi: uma linda moça de olhos claros, cabelos cor de mel, vestida de verde e sorrindo para mim. Antes que pudesse perguntar qualquer coisa, ela me disse:

Sou a FILHA DA FLORESTA, não te assustes! Minha mãe me protege, é ela quem me alimenta, pelas folhas de seu arvoredo se evapora tanta água, tanta, até que o ar se umedece e assim atrai as nuvens e as deixa tão pesadas que os ventos não as podem arrastar... Depois sob a copa protetora das árvores, esconde e guarda toda água que as nuvens derramaram e quando o sol vem, não as pode beber. Eis porque as fontes não param de jorrar...

Eu estava boquiaberto. Um menino vestido à antiga, saído de um tempo passado, contava uma história fantástica, com precisão descritiva de adulto. Não notando minha admiração, ele continuou sua narrativa. – Ela pediu minha ajuda! Como eu, um menino de dez anos, posso ajudá-la? Eu vim aqui hoje para que ela me esclareça isso...será que você pode me auxiliar a encontrar essa resposta? A FILHA DA FLORESTA ainda continuou me dizendo:

Eu sou a fonte – passo a vida inteira dando de beber a todos: aos homens, ao gado, aos passarinhos, às flores perfumosas, às hortaliças e às árvores boas que dão frutos. Sei que tu és amigo das plantas e agora que te desvendei meu segredo, que pedir-te que me

ajudes, pois já sabes que a destruição das matas é a minha sentença de morte. Ora, a minha morte será a morte dos animais, das plantas, a desgraça do Homem. Ajude-me!

O menino continuou falando – Aproximei-me, mas antes que conseguisse tocá-la, ela sumiu, assim, por encanto. Apenas uma borbulhinha de água vi saindo debaixo da terra, bem aí onde você está, do seu lado direito – apontou ele para uma fontezinha que eu nem havia percebido antes. Sem saber o que pensar (nem sabia onde estava) naquele clima surreal, ouvi-me dizendo: a FILHA DA FLORESTA deu-lhe uma missão, você vai crescer, desenvolver seu conhecimento sobre Ecologia e deverá deixar registrado na História tudo que aprendeu como legado às futuras gerações. Tenho a convicção de que ela quis dizer-lhe isso ao pedir a sua ajuda, para que você oriente as pessoas para preservarem os mananciais, visando salvar o planeta da destruição que o próprio homem, por ignorância, está praticando. Quem sabe, um dia, você vai escrever sobre isso para ensinar as crianças sobre a importância da água, da floresta, da Natureza e ...O menino sorria e, olhando para mim com real satisfação, disse: – Muito bem, Sílvio, agora você começou a entender.

Como ele sabia meu nome? Epa, que estranha sensação! Uma onda de calor, cheiro de poluição do rio, uma sonoridade moderna invadia agora aquele RECANTO TRANQUILO de segundos atrás. O menino sumira, onde estariam as flores perfumosas, o frescor do arvoredo, a fonte tímida a jorrar suas águas cristalinas? Em seu lugar, notei um pequeno e antigo livrinho. Ao ler o seu título na capa, realmente, entendi tudo!

A partir daquele encontro inusitado, minha vida mudou literariamente. Busquei ajuda com amigos para reimprimir o livrinho A FILHA DA FLORESTA, do escritor Thales Castanho de Andrade, meu amigo, por quem tenho uma eterna gratidão, pois despertou-me o desejo de expandir seus ideais de preservação à natureza para as crianças e jovens, através de suas narrativas fantásticas e tão ricas em ensinamentos sobre ecologia, ciência que usou com desenvoltura nos enredos de seus livros: EL REI DOM SAPO, CO-LIBRI FEITICEIRO, A FILHA DA FLORESTA e SAUDADES.

A Thales, meu reconhecimento e gratidão.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EDSON RONTANI JÚNIOR
CADEIRA 18 - PATRONO: MADALENA SALATTI DE ALMEIDA

Memórias de infância

Nada como ter sido criança nos anos 1970 e não esquecer a doce recordação que traz Piracicaba daquela época. São várias as lembranças e a nostalgia floresce à memória. Uma das lembranças, por exemplo, é a loja do seu Passarela, situada ao lado do Cine Politeama, em plena praça José Bonifácio, próximo à esquina com a rua Moraes Barros. Era o Willy Wonka piracicabano. E não apenas de chocolates, mas com imensos baleiros em várias prateleiras, com todo tipo de guloseimas que comprávamos antes de ver um filme na telona.

Foi tradição nesta mesma década o passeio às lojas da rua Governador Pedro de Toledo. As vitrines geravam concursos de decoração, comunicação assertiva e atraíam as famílias nas tardes de sábado que as visitavam para conhecer as novidades da moda ou dos eletrodomésticos. Havia até o segurança responsável por baixar suas grades como também os desenhistas que faziam do vidro sua tela. As lojas tinham um vão onde o consumidor circulava mesmo com as lojas fechadas. Às 21 horas, cerravam-se estas portas. Antes de voltar para a casa, era possível, nos tempos mais frios, comprar pinhão quente vendido numa das equinas que minha memória recorda ser nas proximidades da rua Pudente de Moraes, em frente ao Clube Cristóvão Colombo.

“O ‘seu’ Armintos recebeu novos brinquedos...”. Creio ter ouvido isso lá por volta de 1975 ... 76 ... O dono da Casa Raya estava sempre à busca de novidades para o dia das crianças e para o Natal. Sua loja, a Casa Raya, situava-se ao lado da sede do Jornal de Piracicaba, na rua Moraes Barros. Lá por volta de 1974 tornou-se icônico o Papai Noel colocado em uma bicicleta ergométrica pedalando através de um mecanismo inovador para a cidade. Muita gente ia fazer suas apostas de loterias e levava os petizes para admirar o velho São Nicolau. Anos depois, o “seu” Armintos construiu uma loja atrativa para os olhos das crianças e nem tanto assim para os bolsos dos pais. Situava-se bem em frente a sede

anterior, na própria Moraes, onde encontra-se hoje o estacionamento do Santander (fechado tempos atrás). Ali foi que ganhamos um rema-remá, brinquedo de locomoção que em muito ajudava o desenvolvimento muscular e respiratório das crianças. Os mais antigos devem ter à mente o que era este brinquedo enquanto os mais jovens poderão matar a curiosidade através de um buscador de internet. Brinquedo simples, que entretia, estimulava hábitos saudáveis e competições, mas totalmente sem as exigências de segurança de hoje em dia (não possuía nem freio!).

A infância era melhor? Não posso afirmar. Eram outros tempos. Era um tempo em que o Natal era esperado para se ganhar uma espingarda destinada às crianças e que com uma leve pressão soltava uma rolha alocada em sua ponta e presa por um barbante. Tempos em que não tínhamos shopping center nem celular. A distração era a rua. E com segurança. Disputas de bolinha de gude ou andar de rolimã. Andar de bicicleta era um dos atrativos, com bicicletas básicas, e, muitas vezes sem marcha para facilitar o pedalar.

Em 1980, com a elaboração do calçadão na praça José Bonifácio, o poder público passa a criar a ocupação daquela área que anteriormente servia para a circulação e estacionamento de veículos. Foram criados os “Domingões” pela COOTUR – Coordenadoria de Turismo. Aos domingos de manhã e tarde, monitores da secretaria faziam atividades físicas, promoviam disputas de xadrez e outras ações, hoje desenvolvidas em locais como a Estação da Paulista e Parque da Rua do Porto. Outra opção me vem à memória eram as “sessões zigue-zague” do Cine Rivoli, com meia dúzia de curtas do Tom & Jerry e outros personagens.

O tempo mudou. A evolução trouxe a mutação natural da sociedade. Os dias são outros. Nostalgia é algo de quem tem certa idade e vivência, mas nunca deixa de ter um espírito infantil. Se você é assim ... seja feliz, criança !

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA SILVEIRA
CADEIRA 21 - PATRONO: JOSÉ FERRAZ DE ALMEIDA JUNIOR

Círculo da existência

A luz penetra nas nuvens como um agasalho.
Tiritando de frio elas o abraçam com carinho.
Nasce a chuva...
Raios e trovões espocam
Nesse espetáculo pluvial.
Gotas e mais gotas
Derramam sobre o mar,
Mas com saudades do céu,
Evaporam ansiando pelo que se perdeu.
O círculo da vida é tão natural!
Pois vejo que em toda beleza infinita do mundo:
Somos o reflexo de Deus

Valores antagônicos

Uma moça gostava de passar as tardes numa joalheria muito famosa internacionalmente. Ela se deslumbrava com os brilhantes, pérolas, esmeraldas e por aí afora. Certo dia convidou seu namorado para ir conhecer a loja que tanto admirava. Esse caszinho apaixonado foi entrando só para ver as joias expostas nas vitrines dos balcões, forrados internamente de veludo preto e outros de veludo vermelho. Os olhos da moça faiscavam deslumbrados com tanta beleza. Ela pediu ao balconista para experimentar um anel cravejado de brilhantes mas ele titubeou, fazendo uma expressão de dúvida, perguntando ao casal quanto eles poderiam dispor para a compra dessa linda jóia. Um olhou para o outro e encabulados mostraram o que tinham, ele procurando no seu bolso e ela na sua bolsa, juntavam-se uns duzentos reais.

O balconista pensou que era uma brincadeira, mas à medida que o casal conversava entre si ele foi percebendo que o amor entre eles era muito grande, alias grande e cheio, não vazio como seus bolsos.

Condoído com a expressão de pesar da moça, deu-lhe então um brinde que era um anel de latão dentro de uma caixinha. O casalzinho agradecido saiu muito contente com a atenção e carinho do balconista e o moço foi colocando-a dentro do seu paletó.

Saíram felizes da loja depois de verem tantas atitudes bondosas do atendente já de meia idade. Não esperavam esse acolhimento advindo de um funcionário de uma loja tão requintada, pois pensaram até que seriam enxotados da loja quando mostraram suas pequenas posses.

O balconista ficou feliz por encontrar esse casal tão amoroso e tão diferente dos homens que vinham com suas amantes gananciosas procurando obter deles as joias mais caras possíveis.

Ele ficou meditando: “Esse casal tem uma joia inestimável que é o amor e não está se dando conta disso! Quantos fregueses da joalheria os invejariam, porque tinham os bolsos cheios de dinheiro mas os corações vazios.”

Philomena

Philomena está deitada na cama hospitalar instalada na sala do apartamento. Há um mês, ainda conseguia sentar-se e alimentar-se sozinha, mas a nutrição deficiente e a desidratação retiraram o que restara de sua força muscular.

Não quer comer. Não quer ingerir líquidos. Cansou. Cansou de viver. Há um ano, ainda tinha esperança de chegar aos cem anos e comemorar com os filhos, netos e bisnetos, numa grande festa. Mas ao ver a filha mais velha, doente, mal pronunciar as palavras, desistiu de viver.

Perdera quatro filhos, três no intervalo de um ano, e sabe que não suportará mais uma perda. Por que tiveram que partir antes dela, alguns com menos de sessenta anos? Quatro filhos mortos por complicações no fígado. Câncer hepático, hepatite B, cirrose alcoólica e cirrose medicamentosa. Causas diversas para um mesmo desfecho, iniciado com a morte do marido, também de cirrose alcoólica. E dos três casais de filhos, restara um, a filha mais velha também diagnosticada com cirrose medicamentosa. Se pudesse, dividiria seu fígado para doar aos filhos e permitir que sobrevivessem a ela. Que outra mãe suportaria tantas perdas?

No torpor da desidratação, Philomena relembra cenas de seus noventa e nove anos. Os pais, Clara e Antonio, descendentes de agricultores italianos, sempre a mimar a menina Philó, com bonecas de pano. Sim, Philó, pois Philomena não era nome de criança. Alguém pensaria em uma menina ao ouvir a pronúncia de Philomena? Não; Philomena era nome de velha e passou a integrar sua personalidade somente após os sessenta anos.

Dona Philomena, expressão que impunha respeito. Nascera em 20 de maio de 1922, pouco depois da Semana de Arte Moderna de São Paulo, da qual nunca ouvira falar. O cérebro desidratado ainda se recorda com precisão: 20 de maio de 1922, há noventa e nove anos. Filha de Clara Casali e Antonio Moretti. Sua memória está perfeita. Não compreende por que a médica disse que está

com demência avançada. A médica confunde tristeza com demência. A médica ignora suas perdas; desconhece sua biografia.

Conheceu Antonio, também descendente de agricultores italianos, aos 18 anos e casou-se com ele aos 23. Philomena fora a noiva mais linda do bairro rural Dois Córregos, o véu transparente a emoldurar o rosto oval no qual se destacavam os olhos verdes. Olhos expressivos e sedentos de vida.

Tivera seis filhos, todos em casa, em partos naturais acompanhados por parteiras. Quatro deles ruivos. Desconhecia outra família com tantas crianças ruivas, frutos da genética do norte da Itália. Seis filhos criados com amor, apesar do trabalho duro e da mesa nem sempre farta.

A musculatura forte permitiu-lhe o trabalho na roça e na casa. Com as economias, Philomena e o marido conseguiram construir uma casa na cidade, com uma pequena varanda, três quartos, sala, cozinha e banheiro. Ao fundo e ao lado, duas casinhas com três cômodos, para os primeiros filhos que se casassem. O instinto italiano a querer a descendência sempre próxima.

Os filhos cresceram e dois se casaram e ocuparam as casas pequenas. Outros três se casaram e se mudaram para casas próximas à dos pais. E logo vieram os primeiras netos, nenhum ruivo, e com eles surgiu o apelido “Vó Mena”. A filha mais velha foi a última a deixar a casa materna, com mais de cinquenta anos.

Philomena estava sempre próxima de algum familiar. Não havia tempo para solidão. Cuidava da casa, lavava, passava, cozinhava. Cuidava dos netos. Em sua mesa, sempre havia lugar para mais um, ainda que aparecesse após a refeição, com a louça já lavada.

Philomena era um exemplo de altruísmo, embora não soubesse o significado dessa palavra. *Cursara* apenas o primário e sua leitura era restrita à Bíblia.

Católica, ia toda semana à missa, enquanto as pernas lhe permitiram. Quando surgiram as dores nas pernas para andar, passou a receber a comunhão em casa e a assistir às missas na televisão.

Adquiriu o hábito de fazer palavras cruzadas após as cirurgias de catarata, o qual perdurou até a perda do primeiro filho. Logo em seguida, houve a morte de uma filha e do filho caçula.

Um tsunami de lutos. Parou de cozinhar depois da morte do terceiro. Parou de andar após a morte da filha mais nova.

Os netos também se casaram e os bisnetos surgiram. Philomena tornou-se “Bisa”. Mas as reuniões familiares aos domingos e os Natais em família foram diminuindo a cada ano. Seus aniversários passaram a ser os dias de encontro de toda família, momentos de maior felicidade. Exceto o último e o penúltimo, ocorridos durante a pandemia de Covid-19, quando as aglomerações passaram a ser evitadas, embora Philomena não tenha muito conhecimento disso.

Há um ano, as visitas dos netos e dos conhecidos rarearam. Apenas o casal de filhos a visitava com frequência. Frequência suficiente para ela perceber que a filha mais velha não estava bem de saúde. Philomena soube que a filha mais velha estava no hospital. Nesse momento, decidiu partir antes dela.

Philomena cansou. Cansou de viver. Os olhos verdes estão opacos e tristes. Reza a Ave Maria, reza a Salve Rainha, reza o Pai Nosso. Canta “Mãezinha do céu”. O corpo dói ao passar horas na mesma posição, deitado. O estômago grita de ânsia. “Ai, minha mãezinha”, lamenta Philomena. “Ai, minha mãezinha, quanta dor!”. E o espírito de Clara chora ao ouvir o lamento da filha.

Festa do milho e as pamonhas de Piracicaba, legados culturais

Roberto Costa de Abreu Sodré foi o primeiro governador a ser eleito indiretamente, para o período de 1967 a 1971, durante o período da ditadura militar brasileira. Das suas principais realizações no período, uma delas mantém-se até os nossos dias no Distrito de Tanquinho, aqui em Piracicaba, o Centro Rural de Tanquinho.

Tanquinho permanece com 7.717 moradores no Distrito, segundo o censo demográfico de 2022. A luz elétrica só chegou no bairro na década de 1950, quando os moradores começaram a organizar suas primeiras festas populares na principal praça do bairro.

Ainda mantém uma das suas maiores tradições, a “Festa do Milho Verde”, que se realiza ininterruptamente desde 1976, e está incluída no Calendário Turístico de Piracicaba, num espaço com cerca de 36 mil metros quadrados, dos quais mais de 5.000 metros de construções que incluem restaurante, cozinha, salões de festa, estacionamento para milhares de veículos, sanitários, posto médico, campo de futebol, entre outros benefícios. É com 50% das rendas da festa que a comunidade mantém o espaço e fornece outros benefícios aos moradores, em especial a educação dos jovens moradores do distrito.

Entre as iguarias da Festa, que chegou em 2024 à sua 48ª edição, estão cerca de 50 opções culinárias à base de milho, como milho cozido, pamonha, curau, bolo, suco, cuscuz, creme de milho, polenta com frango, pão e sorvete de milho, além de porco no rolete (todos os dias, a partir do meio-dia), feitas por dedicados voluntários, especialmente dentre os moradores no distrito rural.

Tanquinho também é um dos grandes produtores do milho em nossa cidade. Embora as maiores produções encontrem-se na cidade de Charqueada, de onde vem a matéria prima para uma das particularidades da cultura piracicabana como um todo. As nossas famosas “pamonhas”.

Origem das pamonhas

Recentemente, numa das edições do nosso programa “Café co Dorfo”, do qual participo ao lado do prof. Adolpho Queiroz, no Portal Nova 15, foi entrevistada Samira Vicente, filha dos pioneiros na confecção de pamonhas em Piracicaba. Eles residiam e tinham uma fábrica do produto na Rua do Porto. E ela lembrou-se, desde as origens do negócio familiar até o jingle que ganhou a cidade, cidades da região, do Estado, do país e do mundo, propagando o famoso jingle sobre as pamonhas de Piracicaba, cujos trechos reproduzo abaixo.

Das várias histórias da famosa Rua do Porto de Piracicaba, certamente há uma que chegou a várias cidades do interior de São Paulo, da capital, do Brasil e do mundo. Por conta de uma fita cassete gravada nos anos 1970 por um dos funcionários de uma fábrica de pamonhas construída na Rua do Porto número 1825.

O então ajudante e vendedor dos produtos pelas ruas da cidade, Dirceu Bigeli, cansou-se de esgoelar pelas ruas da cidade o jingle mais famoso da terrinha e resolveu gravá-lo numa fita k7, modernidade única daqueles dias. Ele mesmo escreveu o texto famoso: “Pamonhas, Pamonhas, Pamonhas de Piracicaba. É o puro creme do milho verde. Venha provar minha senhora.”

O chamamento acordou a cidade para uma nova tradição que passaria a acompanhá-la dali por diante. Bigelli gravou outras fitas e conforme ia de cidade em cidade vendendo o produto, até então não tão famoso, ia comercializando uma cópia da fita, junto com a receita da pamonha aos amigos que fazia. E elas se multiplicaram pelo Brasil e pelo mundo. Foi vista recentemente numa van em Toronto, no Canadá, pelas redes sociais, em pleno inverno de lá, vendendo as nossas afamadas pamonhas.

Mas essa história começa no mesmo número 1825 da rua eterna, num primeiro ciclo que ocorreu entre 1959 a 1982. Por necessidade, a família de Whasthi Rodrigues e Aparecido Octaviano, apelidado de Cido Pamonheiro, passou a produzir e comercializar um produto que não era típico entre nós.

As pamonhas tem origem indígena. Os índios latino-americanos comiam muito milho verde amassado com leite de coco,

manteiga e erva doce. Tanto que a palavra vem do tupi, pamu-ña, algo como empapado. Desde então a pamonha é um quitute consumido em várias regiões do Brasil. Comum nos estados do Nordeste e ainda em Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rondônia, São Paulo e Tocantins, posteriormente aperfeiçoada por portugueses e africanos.

E embora a cidade de Piracicaba não seja uma grande produtora do milho, produto básico da pamonha (uma exceção é o bairro de Tanquinho), os pioneiros socorriam-se das plantações de milho que existiam e permanecem, em Charqueada. De onde vem a matéria prima para o doce famoso. Do qual inclusive se aproveitava a palha, para, por mãos habilidosas de costureiras, transformarem-se na embalagem do produto. Dando-lhe contornos ainda mais naturais.

Com o falecimento de Whasthi, Octaviano apaixonou-se por Rosa, uma funcionária da fábrica. E desse novo momento em suas vidas nasceu Samira Jacqueline Vicente, hoje guardiã da história da origem das pamonhas de Piracicaba. Que ela reconta aos fregueses e amigos da cidade e aos turistas que nos visitam, com quem percorre a velha casa por onde estão espalhadas memórias daqueles tempos. Um quadro de Aarão dos Santos, pintado ao tempo em que a Rua do Porto tinha outro perfil, longe da avenida dos restaurantes que hoje possui. Por lá estão fotos, lembranças daqueles dias de pioneirismo. E o que sobrou de uma máquina de costura, levada pelas enchentes de 1983, que destruíram os móveis, equipamentos, estoques da família. Todos levados pelas águas intensas do Rio Piracicaba que transbordou, invadiu a Rua do Porto e subiu quase três metros, encobrindo a maioria das casas.

Com sua baixa, ficaram os rescaldos da mais uma tragédia causada pelas enchentes. Mas que não esmoreceu Samira e seus familiares, que depois limparam toda a casa em que viviam em parceria com a fábrica e hoje a transformaram num outro ambiente muito acolhedor. O Bar e Restaurante Versátil. Que serve igualmente os tradicionais peixes da terra aos nossos visitantes. Peixes que não são pescados mais no rio famoso, mas que vem do Amazonas, do Mato Grosso, do Chile, através dos revendedores de

Piracicaba e de Limeira, sempre especializados na comercialização de dourados, pintados, piaparas, filhotes, que se transformam nos assados consumidos com mais intensidade nos finais de semana. Acompanhados de boas e geladas cervejas e, mais recentemente, pela farofa de pamonha, uma nova iguaria.

Samira Vicente contou, sob emoção, das origens da família, aos tempos pioneiros da fábrica das pamonhas, passando pela aventura sonora de Bigeli, do carinho e respeito que os pais lhe ensinaram para o entorno do rio. E os estimularam a continuar a luta da família na região, agora em formato de uma restaurante e suas histórias.



De entregador de jornais aos tribunais superiores

A partir do restaurante Brasserie dos irmãos Lescovar e do Karamba's Lanches do Toninho Elias, somando-se a Banca de Jornais e Revistas do Giannetti, o bar do Chacrinha, com o Doutor das Canetas ao lado, na rua São José, mais o Cine Politeama e a Escola de Comércio Zanin – eis a paisagem da Praça José Bonifácio em que o menino José Osmir Bertazzoni circulava com exemplares de O Diário ou do Jornal de Piracicaba, para entrega nas primeiras horas de manhãs frias ou não, pelo caldeirão que o movia: o ideal do trabalho. Era o começo da década de 1970.

Foi para a fotografia na década de 1990 (92-94) com Henrique Spavieri – esse tietense que animou a vida social piracicabana ao tirar fotos e substituindo naturalmente Idálio Filetti, Cícero Correa dos Santos e tantos profissionais que guardaram Piracicaba em suas máquinas antigas e modernas. Ao mesmo tempo, nos ouvidos do jovem Osmir, ainda entoava o barulho manhoso das impressoras rotoplanas nas oficinas dos dois jornais diários que empolgavam o futuro profissional das primeiras máquinas offsets, planas e rotativas, que encantavam as redes sociais do seu e nosso tempo, produzindo veículos impressos: a letra de forma e o papel jornal.

Entre as ruas Prudente de Moraes e Moraes Barros, no meio a São José, cortada pelas praças José Bonifácio e da Catedral, Osmir – firmado no ideal do trabalho – entrou no serviço público, especialmente na área sindical em 1994, ficando por algum tempo nas oficinas do Diário Oficial do Município, que funciona até hoje no mesmo endereço, na Prudente entre as ruas Governador Pedro de Toledo e Benjamin Constant. Fez-se líder sindical com paciência e com bravura, dedicado e fiel aos que representava, idealista até hoje, sempre na área de comunicação de artes gráficas.

Fortalece-se aos poucos e, no sindicalismo, tem força total quando assumiram a Prefeitura Municipal os jovens Adilson Benedito Maluf, Joao Herrmann Netto e José Aparecido Borghese,

depois José Machado, seguindo-se com Mendes Thame, Humberto de Campos, completando-se com Barjas Negri e Gabriel Ferrato, e agora com a administração de Luciano Almeida. Todos conheceram e sentiram seus esforços, mesmo que equivocado, para acertar e acertar bem: é o seu ideal. Era o líder sindical José Osmir Bertazzoni que surgiu, altivo, feliz pelo que fazia e faz até hoje, no murmúrio cadenciado e lendário do Rio Piracicaba, em cujas barrancas nasceu e cresceu esse altivo descendente de italianos.

Assumiu, a partir da primeira década do ano 2.004, pontos estratégicos como advogado da Confederação Nacional dos Servidores Públicos do Brasil, atuando nos tribunais em São Paulo e Brasília, para defender as teses justas em favor dos servidores públicos, em todos os níveis. Era, assim, o advogado, dedicado às letras, que somava a outros líderes, discutindo com ministros de Estado – principalmente os da área das relações do trabalho –, articulando para que os caminhos fossem menores em benefício dos que servem ao público como profissionais.

José Osmir Bertazzoni está completo – mas resumido – nesta obra, o seu *Alpharrábio'S*, que conta sua vida e divulga textos que publicou na imprensa de Piracicaba, a mesma que o teve como entregador e agora o tem como colaborador, que soma para pensar, para discutir, para esclarecer, para contestar, para explicar, e tantos outros verbos que registrem ações de quem nasceu para o ideal do trabalho. E para servir. A Tribuna Piracicabana orgulha-se de tê-lo como colaborador, fiel e dedicado.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE NEGRI
CADEIRA 33 - PATRONO: FERNANDO FERRAZ DE ARRUDA

Metamorfose

Às vezes, quando estou muito cansada, triste ou desencantada com a vida, imagino que me transformo em vapor d'água, numa fumacinha branca com densidade de nuvem.

Imóvel, imersa em imensa paz, cada átomo do meu corpo se desintegra e se liquefaz. E vou me tornando uma espuma borbulhante. Não mais existem ossos, nervos, tendões, músculos, vísceras ou carnes. Só espuma...

No início da transformação, sou uma substância viscosa, mais densa, mas aos poucos vou me purificando, me destilando e me tornando cada vez mais etérea.

A estrutura dos tecidos se modifica, meu corpo vai se metamorfoseando, se dissipando, mesclo-me às nuvens até me fundir com a imensidão do Universo.

Mudo de dimensão sem ter que passar por estágios dolorosos de doenças, sofrimento, UTIs, definhamento, caixões, flores, rezas, despedidas, missas, velórios, simplesmente desapareço sem deixar rastros. Num estalar de dedos, assim: “pluft!” e sou pulverizada.

Viro uma entidade do ar, não mais da terra. Leve, sem peias, sem grilhões, deixando para trás problemas, mágoas e dores. Como a água, que ao ser aquecida se transforma em vapor e passa do estado líquido para o gasoso.

Não preciso mais de lágrimas, sou a própria lágrima evaporada e me despeço das lutas do mundo.

Viro brisa perfumada na primavera, sopro morno no verão, aragem amena no outono e neblina gelada no inverno. Um vapor aquoso sem forma, que não pode ser contido.

Deito suavemente no travesseiro do tempo onde dormem os que sonham liberdades.

Mudar de estado vibratório é fascinante! Nas dimensões mais altas tudo é bem mais sutil e maravilhoso. Posso sentir o calor de um sol que vibra em minhas moléculas, uma quentura boa e rela-

xante. Não preciso mais ganhar dinheiro (pra quê?) nem trocar de roupa, nem comer, nem ler. Os livros que li e os que não li, estão todos impregnados nesta nova entidade puríssima. Uma energia vibrante flui em mim. O sopro inicial da vida é minha essência. Sou fluídica, volatizada, e nesse estado de torpor intenso, consigo captar todos os segredos do Universo.

Vou deixando partes de mim pelo caminho...Gotas de orvalho numa flor, neblina numa densa floresta, gotículas espumosas numa onda de mar, vapor d'água num caudaloso rio, umidade fresca num beijo de amor,

Sou nada e o nada me preenche. E assim, segura, intocável e imune às agressões e sofrimentos, sigo invisível pelos séculos e séculos, amém.

Efemeridade

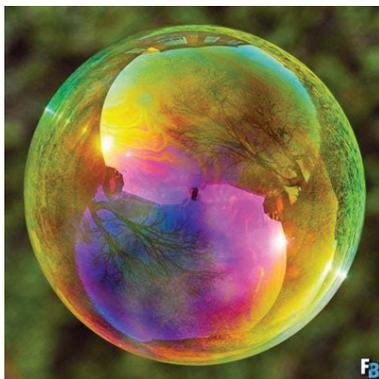
Nos moinhos da vida
giram pás
engolindo o tempo

E o vento
empurra a vida

Cata-vento
gira lento
nem dá tempo...

A vida passa,
num átimo,
pura ilusão

Tão efêmera
como bolha de sabão...



COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI
CADEIRA 36 - PATRONO: OLÍVIA BIANCO

Água, essência da vida
De início,

Só um olho d'água,
pequeno oásis na mata
fonte inesgotável
dos dias, das noites,
dos anos de seca.
Embrião dos riachos,
também dos grandes rios
açudes e mananciais.



Na trajetória,

Suas águas fluindo
sem qualquer alarde
cumprem sua missão,
doando graciosamente
o líquido sagrado
a todos os seres da natureza.

Depois,

A etapa final culmina
nas águas marinhas
emabaladas pelo mais belo poema de amor

Apoteose,

Surge então idílio romântico
entre águas antes nunca vistas.
Casam-se os rios e mares,
e dessa feliz união,
nasce o grande oceano azul.

A Natureza é Bela!

(Feitas em parceria com minha querida “mamma”)

Natureza mãe e amiga
nem sempre tão respeitada,
mesmo assim não inimiga
dos que a fazem maltratada.

Água, terra, ar e sol
são forças da natureza,
trazem a cada arrebol
esperança, só beleza.

Nunca a água desse rio
vai para o mesmo lugar,
mas lenta ou em rodopio
ajuda a formar o mar.

Botões, rosas amarelas
parecem raios de sol,
verdadeiras sentinelas
brilham mais do que um farol.

Sabiá sempre gorjeando
quis cantar lá na matriz,
não viu o gato esperando
escapou, foi por um triz.

Revoada

Andorinhas
em revoada farfalhante
por segundos riscaram
o céu azul.

Só passaram,
encantaram
não ficaram...

Fronteiras...sempre fronteiras...

Dizem pessoas experientes que a sabedoria é própria do velho. Nem sempre isso acontece. Também aprendemos muito com expressões e palavras das crianças.

Seria por que a iluminação de ambos é diferente? Teriam brilho no olhar, que transcende e vislumbra outros mundos? Mas, não é o jovem que enxerga novos horizontes?

Diria que todos têm seus desejos e aspirações próprias. Uns mais voltados para as coisas materiais, outros para os valores intrínsecos, que envolvem o interior humano. Estamos sempre em constante mudança.

Somos todos peregrinos nesse planeta Terra, mesmo nunca tendo saído do torrão natal. Imaginamos como é triste, quando alguém precisa fugir às pressas do seu país de origem. Assim foi no tempo da sagrada família, por causa da perseguição de um rei poderoso, que queria matar crianças inocentes e Jesus era um deles. Na época atual vemos pelos noticiários da tevê, famílias inteiras de outros países imigrarem, para terem um teto e condições mais seguras de sobrevivência. Quantos desses expatriados morrem nos barcos superlotados, em pleno mar! Muitos não conseguem asilo em outros países, que lhes negam a porta de entrada, nas fronteiras.

Ficamos a perguntar diante dessas desoladoras situações: – O que o velho sábio concluiria?

E logo vem a resposta: “Ah! Mundo de ilusões passageiras! Meras ilusões desse universo de minoria poderosa, que domina o mundo! Somos mortais e num sopro tudo irá se acabar. Por que guerrear, matar aquele que luta e trabalha honestamente para ganhar o pão de cada dia?

Não entendem que – só o Bem que fizemos fraternalmente- irá se eternizar!

Salvem o Planeta Terra!

Relendo as obras de Thales Castanho de Andrade, mais do que nunca vivenciei o que ele passou, principalmente na vida ru-

ral, pois coincidentemente vivemos esse mundo itinerante, campo-cidade, e, quando profissionais na área da Educação, visamos a formação de jovens e crianças.

Escolhendo os principais personagens de seus livros, queremos enfatizar aos leitores a importância de sermos solidários com a Mãe Natureza. Pedro e Marcelo, Samuel e Agapito, contagiados pelas lições do “Bem-te-vi Feiticeiro”, da “A Filha da Floresta”, do “El-Rei Dom Sapo”, passam a entender o quanto de crueldade os homens praticam, quando engaiolam ou ainda pior, exterminam aves. Estas, são tão úteis, pois além de eliminam os insetos, colorem, cantam e enfeitam a natureza, fazendo-a parecer sempre em festa! E o verde das matas, das plantações, quanto de saudável nos oferecem, oferecendo gratuitamente ar abundante! São fiéis colaboradores dos que lavram a terra e dela sobrevivem.

Nesta crônica focalizarei dois personagens que o autor destacou em suas obras: Agapito e Silvio.

Agapito, antes de receber os ensinamentos na escola, portava-se como inimigo dos animais no sítio Campestre, fazendo com que seus pais adotivos, Nhô Fidelis e Nhá Vicência, quase perdessem a propriedade rural. Vivia perseguindo passarinhos, sapos, lagartixas, morcegos, corujas, etc. Com suas malvadezas estava transformando este Reino dos Animais, chefiado por El-Rei Dom Sapo, em um deserto desolador, provocando a fuga desses animais.

Silvio, filho de Samuel, o proprietário do “Recanto Tranquilo”, sonhou com uma linda fada, que se dizia a filha da floresta. Ela lhe contou o seu segredo: vinha do céu, mas estava no seio da terra. Se houvesse somente dias de sol e vento, se sentiria desprotegida. A floresta, a qual chamava carinhosamente de Mãe, a fazia depositária das águas das fontes, que abasteciam aquela e outras propriedades agrícolas. No sonho, Silvio implorava ao pai que não acabasse com a floresta, pois as belezas e fontes de vida estavam ameaçadas de extinção.

O pai não atendeu ao seu pedido, e, como resposta, deu ordem para que machados cruéis derrubassem bálsamos, cedros, jacarandás e outras árvores. As terras então cultivadas, com pomar, pasto verdejante para os cavalos e ovelhas, o canavial, algodão foram definhando.

Realmente veio a desgraça: as terras sem as fontes a irrigarem a água se endureceram e racharam: os animais, as hortaliças, as plantações e até as flores que enfeitavam os jardins feneceram.

Continuando no seu sonho, Silvio andou sem rumo muitos dias, fugindo de homens malvados que lhe queriam fazer mal. Foi então salvo pelo seu amigo sapão. Sentindo muita sede, um tuca-no apareceu e ajudou-o a encontrar água. Uma velhinha “rainha das árvores”, lhe deu sementes de muitas delas. Com auxílio do amigo Sapo chegou de volta à sua casa. Procurou o pai. Este pretendia mudar de lugar, pois tudo estava se extinguindo na propriedade rural, mas concordou em plantar as sementes trazidas por Silvio. Estas orvalhadas pelas chuvas, produziram hortaliças, flores. A água tornou a jorrar das fontes e a alegria retornou naqueles rincões.

Terminamos esta curta crônica, exaltando os personagens das obras de Thales Castanho Andrade, que mostraram a importância da natureza através das aves, animais e plantas em geral. Ele através desses personagens e, em especial, de Agapito, mostrou o quanto a Educação transforma a humanidade. Este, e todos que amam a Natureza, se torna humano de modo integral.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LÍDIA VARELA SENDIN
CADEIRA 8 - PATRONO: FORTUNATO LOSSO NETTO

A Cruz nos ensina a amar

**D
E
U
S
P r ó x i m o
N
Ó
S**

A cruz nos mostra três direções para a vida. Não é à toa que ela é o símbolo do cristão, tanto quanto o é o novo mandamento: o amor.

Em sua forma quase humana, de braços abertos, nos leva para cima até Deus, através de Cristo, que nos dá vida (força) abrindo espaço para o alto e nos espalhando para os lados para derramar esse amor à nossa volta, enquanto estamos aos seus pés.

Numa palestra do programa Verdade e Vida (LPC), o pastor Hernandez nos dá uma visão desse amor horizontal explicando quem é o próximo e quais sentimentos ele pode gerar, através da parábola do Bom Samaritano.

Do ponto de vista do eu (que é fácil de amar devido ao ego-centrismo) ele nos mostra as pessoas que tiveram contato com a vítima no caminho de Jericó e o que resultou desse contato.

Para o ladrão o que era dele era dele e os bens que eram do outro também poderiam ser dele, sua corrupção gerou hostilidade. O sacerdote e o levita tinham certeza que o tempo era deles e que ninguém mais poderia tê-lo, o egoísmo gerou indiferença. O samaritano tinha seu dinheiro e seu tempo, mas sabia que poderia emprestá-los para o outro e sua solidariedade o fez amar o outro tanto quanto presava seu tempo e as suas posses.

Assim, Cristo nos ensinou quem é o próximo, o centro da cruz do amor, ele é aquele que precisa de você agora e está em suas

mãos ajudá-lo, ele está em seu caminho,

Abandonado pelo estado (o levita) e pela religião (o sacerdote), e massacrado pela sociedade (o ladrão). O samaritano era um ponto fora da curva e deixou um rastro de amor.

Amar ao próximo também nos faz pensar naqueles que vêm depois, deixar uma trilha habitável para o futuro. Preservar o seu entorno, seja ele um banheiro público ou o meio ambiente global.

Palavras em harmonia: poesia

Na poesia o fundamental é... a poesia.
(Samira Chalhub)

Muitos foram (e ainda são) os poetas que nutriram essa gestação poética da harmonia, com rimas ou sem, com métrica ou livres. Os versos soltos foram arrebanhados por eles e colocados em redis para a contemplação dos seus adeptos.

A poesia nasce de uma gravidez solitária, por uma misteriosa concepção. Essa gestação tem seu ritmo próprio, não segue luas, não se apressa e não pode ser abortada, amadurece tranquila. É o rebento que nasce do contato com o sublime.

Essa gestação mágica, da qual brota a natureza ambígua da poesia, dá conta de suas contradições; um único verso pode conter o riso e o pranto. Pode-se falar com métrica da incomensurável morte, ou imprimir ritmo a uma descompassada maneira de viver.

Roubada do lugar comum, a palavra nasce atemporal, enfeitada. Fruto da inspiração estética da alma do poeta, torna-se arte.

Sem se subordinar à lógica, sentido ou explicação, a poesia é um coquetel colorido, perfumado e relaxante, feito essencialmente de palavra, sonhos e imaginação. As palavras e a forma com que são colocadas são o fundamento da poesia. Elas têm de ser bonitas de olhar, têm de saltar e cantar à nossa frente. Se está escrito rosa, você vê a rosa, sente seu perfume, toca o veludo de suas pétalas e se extasia com sua beleza. É o pico de uma sensação estética.

Ela, a poesia, não tem obrigação de dizer nada, tem de fazer sentir tudo. Tem de chegar de mansinho – invadir sua alma

– estremecer seu corpo, abalar seu coração. E mais, fazer o outro sentir tudo isso também, sem saber o porquê, pois a poesia não precisa ser explicada e sim, sentida; a finalidade dela é ela mesma.

O poeta **Manoel de Barros**, disse certa vez em entrevista para a TV Cultura, que a poesia está guardada nas palavras. No seu Livro sobre Nada, encontramos um verso do poeta: Há muitas maneiras de não dizer nada, acho que uma delas é a poesia.

Não está no livro de Gênesis, mas acho que deveria estar.

No princípio era o caos em toda parte: sem noite e sem dia. E disse o criador: Haja arte e houve poesia.

O avesso do verso

Sem métrica,
Sem rimas,
Sem veia poética
Nas metáforas banidas.

Nem uma linha
Pelas musas do universo,
Nem uma mísera quadrinha,
Nem sequer um simples verso.

Um talento que mente,
Da língua o troçoço.
É o branco aparente
Da poesia no avesso.

(Di) Vagando

No vai e vem das vagas
Pensamentos fugidios
Brincam e escorrem
Pelas areias do passado.
Meus pés percorrem
Com passos cansados
Caminhos luzidios
E doloridos de antigas sagas.

As frias águas rasas
Encrespam minha pele com calafrios
E os dedos se contorcem
Como um coração magoado.

Maria de Maria

Lembro-me como se fosse hoje do momento em que minha mãe chegava do trabalho, nas tardes, tão logo os acordes daquele velho rádio se preparavam para descansar, respeitando o silêncio da reza. Um silêncio sucedido pela introdução da Ave-Maria de Schubert. Seis em ponto. O portão de minha avó era aberto e, após uns barulhos compassados de passos, marcados por acentuadas pisadas nas beiradas dos degraus, ela aparecia à porta, endireitando um semblante de sorriso, após expurgar de suas feições o domínio do cansaço. Deixava as bolsas e sacolas amarradas no sofá, vinha ao meu encontro e me abraçava, procurando um lugar próximo para se sentar. Enquanto se atualizava dos eventos diários com minha avó, a curiosidade movia minhas mãos apressadas para desfazer os laços das sacolas: na grande maioria das vezes, apenas blusas próprias de dias que, tendo amanhecido gelados, riram dos que sonhavam voltar para casa com as mãos abanantes. Porém, quando eu percebia o olhar disfarçado dela me olhando de canto, sabia que, ali, escondido, havia algo que eu poderia brincar, comer, ou os dois. Coisas de mãe. Dava-lhe um beijo na face, retribuindo-lhe o mimo.

A descida para casa incluía algumas pausas para cumprimentos e conversas com amigos de longa data, dos tempos difíceis, de fome e luto. É claro que eu queria, como qualquer criança, chegar o mais rápido possível, dispensando as convenções para um momento oportuno; ainda não compreendia que eram sagradas, filhas legítimas de uma reconhecida gratidão que fora embalada por mãos estendidas, ao longo do tempo; era cedo demais para entender profundamente tais coisas, mesmo que já se passasse das seis.

Chegando em casa, meus chinelos de personagens e suas confortáveis sapatilhas eram enfileirados ao lado das botas acinzentadas de meu pai, no tapete que fora colocado no limiar da porta da sala. Botas de cimento; sapatilhas de cloro; chinelos de sonhos.

Por privilégio, a única matéria que não se desfaz depois dos banhos é a da criança; nesse caso e naquele tempo, a minha. Todas aquelas lutas travadas era por conta deles. Era por um desejo de que, na construção de minha narrativa, eu pudesse ter o privilégio de vivenciar o que eles só experimentaram do lado de fora das janelas, pelo olhar. Na verdade, tais sonhos, antes de terem sido projetados pelos esforços do labor, foram consagrados pela fé. Desde esse tempo, já ouvia minha mãe dizer em muitos momentos:

— Desde que você nasceu, eu te consagrei à Nossa Senhora! Pedi para a Mãezinha sempre cuidar de você.

Eu sorria, vendo nisso uma espécie de carinho tecido a duas mãos e mães. Carinho de Maria de Maria.

Eu cresci e perdi, com tristeza, a visão daquelas botas, tão logo voltasse da despedida final de meu João Maroto; meu pai.

Não consigo me lembrar da última vez em que usei aqueles chinelos ou quando foi que meus pés cresceram, a ponto de calçar os tênis, em dias que se iniciam com horários fixos, de segunda à sexta-feira. Hoje, outros pequenos chinelos convivem comigo, e posso afirmar que os passos daquelas sapatilhas e botas me ensinaram a caminhar e correr, para que estes também sejam chinelos carregados de areia e sonhos.

Sim, as sapatilhas ainda andam, mais lentas, pela ação do tempo e limitações da saúde. Porém, as conversas das Marias se mantêm, com o mesmo entusiasmo que eu corria àquelas sacolas, procurando por tesouros.

As sacolas se mostraram dispensáveis.

Descobri que, na verdade, nunca deixei de tê-los.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA DE LOURDES PIEDADE SODERO MARTINS

CADEIRA 26 - PATRONO: NELSON CAMPONÊS DO BRASIL

Gregório, o jardineiro feliz

Com seu metro e meio, talvez pouco mais, aquele valente homenzinho, feliz jardineiro, pequeno apenas na estatura, mas grande, generoso em suas atitudes cumpriu durante a vida um trabalho cotidiano dos mais intensos e frutuosos. Era exemplo a ser seguido como pessoa, esposo apaixonado por Marina, mãe de seus numerosos filhos e, profissional qualificado tomado de encantos pelo que fazia.

Durante quase quarenta anos com a bicicleta sem marchas, muito cedo se dirigia ao trabalho sem nunca se queixar do frio intenso ou calor sufocante. Era funcionário da Escola de Agricultura “Luiz de Queiróz”, contratado como homem do campo, mas responsável pela jardinagem, atividade esta exercida com muito capricho e sabedoria.

Num vai e vem ininterrupto, após deixar o Departamento no qual trabalhava, visitava outros jardins pelos quais era responsável, o que o ajudava a completar o orçamento doméstico. Fins de tarde ou finais de semana era fácil encontrá-lo nas casas da redondeza com seu típico e inseparável chapeuzinho de palha. Quando ele se encontrava em minha residência, eu ficava a observá-lo. Trabalhava satisfeito, com arte e precisão tornando os canteiros verdadeiros oásis. Era bem-dotado, cuidadoso no plantio das mudas, na poda dos arbustos ou folhagens, exímio conhecedor do clima, solo e das espécies apropriadas para cada local ou ocasião. As “coroas” ao redor das plantas eram tão perfeitas que pareciam ter sido contornadas com um compasso.

A fala mansa, as muitas histórias que contava, as crenças nas quais depositava tanta fé, inacreditáveis e interessantes ao mesmo tempo, eram, sem dúvida, características próprias da criatura desprendida e abnegada da qual saudosamente me recordo.

Dos muitos momentos compartilhados, uns foram realmente marcantes. Quando eu ainda fabricava meus próprios panetones

para oferecer às pessoas amigas, fomos, meu saudoso esposo e eu, visitar a família do Gregório pelo Natal. Ele já cuidava do nosso jardim há dois anos. Lá chegando, percebemos o quanto aquilo foi importante para todos. O prazer com que nos receberam foi evidente. Na saída, para nossa surpresa, a cesta onde tínhamos levado os panetones, estava cheia de goiabas e chuchus colhidos ali mesmo pelos acanhados filhos para nos presentear. A estes, o pai presenteava com brinquedos que ele mesmo inventava: carrinhos, trens e outros, feitos com latas, caixas, sobras de materiais encontrados em suas andanças com a bicicleta, nas idas e vindas diárias.

Na sua humildade era sábio, grande nas atitudes espontâneas, no trabalho, o melhor. Era exemplo vivo de que é possível viver bem e ser feliz, com simplicidade, sem arrojados ou inquietações audaciosas.

Outro fato, exemplo do seu despreendimento ocorreu quando a jovem doméstica que trabalhava em nossa casa teve a saúde abalada por uma trabalhosa doença contagiosa, a erisipela. Sem avisar, chegou Gregório com apetrechos necessários para mais uma das suas atividades, a de benzedor. Trouxe consigo toucinho fresco, água benta e ramos de alecrim para curar a moça. Benzeu-a séria e convictamente por três dias seguidos. E, por incrível que pareça, a infecção desapareceu.

Mais de trinta anos o tivemos como especial amigo e cuidador das nossas plantas. Tanto que, ao comemorar nossas Bodas de Prata, nós o homenageamos. Sentia-se à vontade conosco e feliz dedicava horas a cuidar do jardim como se fosse seu. Era justo presenteá-lo e entregar-lhe flores. Assim o desejamos e fizemos. Ele ficou inibido, mas muito alegre.

Com o passar dos anos sua saúde ficou debilitada, mesmo assim continuou trabalhando muito. Teve problemas gástricos e perdeu boa parte da visão. Parecia enxergar com o coração e a ponta dos dedos pois seus jardins continuavam harmoniosos quanto às cores e formas. Mesmo desenganado por duas vezes, uma delas hospitalizado e seriamente comprometido, implorou ao médico para sair, apenas para entrar na Igreja com a filha no seu casamento. Queria entregá-la ao noivo. Foi liberado e realizou

o sonho.

Assistimos a cerimônia. Comovente! Pálido, expressão de alegria e dor ao mesmo tempo, parecia flutuar na visível magreza do seu corpo. Despedimo-nos. Viajamos. Distantes da terra natal por um ano, não esperávamos encontrá-lo com vida quando voltássemos.

Felizmente após esse tempo, pudemos visitá-lo e receber suas agradáveis visitas muitas vezes. Como a vida e a morte são imprevisíveis, surpreendeu-nos um fato muito triste. Meu esposo adoeceu e se foi em pouco mais que dois meses. Gregório se recuperou e prosseguiu por mais de quinze anos. Engraçada e ardilosa a vida!

Acabo de voltar do seu velório. O mesmo se deu na residência da família. Fiquei observando as pessoas e ouvindo afáveis comentários sobre aquela criatura excepcional. Pude constatar seu semblante sereno como sereno era seu coração. Retornei ao passado e rememorei seu carinho por minhas filhas, ainda crianças, a acompanhar seu habilidoso contato com os canteiros coloridos. Ao perceber seu surrado chapuzinho colocado sobre seu corpo, surpreendi-me com tristeza e saudade ao mesmo tempo e recordei um episódio, no mínimo curioso. Certo dia ao cuidar das roseiras floridas perguntou-nos, a mim e ao meu esposo: – vocês guardaram o umbigo das meninas?

– Sim, respondi-lhe. Tenho-os guardados no meu porta-joias. Por quê?

– Quero enterrá-los embaixo destas roseiras para que suas filhas sejam sempre muito felizes.

Assim se deu. Entregamos-lhe os dois umbigos e ele cumpriu o desejado ritual. “Plantou-os” sob as roseiras com a garantia de que as mesmas, coloridas e belas dariam proteção e ofereceriam às meninas beleza e felicidade.

Juro que não posso duvidar dessa incrível crença do inesquecível homem das flores, nosso querido Gregório, agora no céu, certamente a zelar e a colorir os jardins do Criador.

Para finalizar este conto preciso acrescentar um parágrafo.

Depois de alguns anos, com duas filhas já crescidas, fomos agraciados com a terceira garotinha. Esta chegou para aumentar ainda mais o encantamento familiar. Passados alguns meses, a

exemplo do jardineiro feliz, cumprimos o mesmo ritual: oferecemos ao solo fértil, sob as roseiras floridas, o umbigo da nossa preciosa caçulinha.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA MADALENA TRICANICO DE CARVALHO SILVEIRA

CADEIRA 14 - PATRONO: BRANCA MOTTA DE TOLEDO SACHS

Vó! Cadê os palhaços?

Gostava de dormir na casa dos avós como toda criança. Diz a lenda que, na casa da avó tudo pode! Era sempre uma festa, e como uma festa tem que ter mais gente, então chama os primos ou traz alguma amiga ou amigo e, a cabaninha feita de lençóis na sala de visitas é o lugar ideal para dormirem.

Nas férias de julho temos também os festejos da Tradicional Festa do Divino, com todos os rituais religiosos e profanos ou folclóricos. Desde o pouso do Divino realizado com toda a pompa e cantoria, até a recitação de um terço do rosário em uma residência em companhia dos parentes e vizinhos, nos dias que antecedem o tríduo preparatório.

Para recitação do terço a avó de Maria preparou sua casa com flores vermelha e toalhas brancas. Os tradicionais comes e bebes feitos com muito carinho com base de milho, mandioca e tudo mais saboroso. Um bom café e até chá com gengibre e laranja.

Maria não via a hora da festa começar. Terminada a recitação do terço com a cantoria das músicas em louvor ao Divino Espírito Santo, pela bisavó, a Bandeira Vermelha foi passada abençoando todos os presentes, começou a degustação dos quitutes e troca de receita, distribuição de Fitas amaradas com o Divino, como manda a tradição.

Quando as pessoas começaram a ir embora Maria ficou decepcionada e perguntou a sua avó:

- Oh vó! É agora que vêm os palhaços e os cantores?

Como as pessoas não estavam entendendo a pergunta de Maria, seu avô, que conhecia toda a tradição das “minas gerais”, onde nasceu, veio em socorro de Maria:

- Querida neta, você esperava a Folias de Reis, como já estudou nos livros de folclore. Aqui você terá oportunidade de ver uma festa do Divino na margem do rio, com pessoas vestidas de marinheiros, embarcações enfeitadas e muita cantoria! Você viverá

um fim de semana diferente que vai guardar para toda a sua vida, como manda a tradição.

Ah! Se...

Estava sentado na lanchonete do clube quando passou uma ex-namorada.

Ela nem o reconheceu. Mas ele ficou imaginando como seria sua vida se tivesse casado com ela.

Era feliz com sua esposa, mas, tinha a fantasia de levar uma vida mais tranquila, mais apimentada, só que não dialogava com sua mulher.

Estava tão distraído olhando para Laura, sua antiga namorada, que nem percebeu um jovem pedindo licença para sentar-se à sua mesa.

Dada a permissão, o jovem sentou-se e saboreava seu suco tranquilamente.

– O senhor estava esperando aquela jovem?

– Quer que eu me levante?

– Não! Em absoluto.

Só aí que reconheceu que o jovem cheio de atitudes e circunstância era o antigo noivo de sua esposa.

– O presente ficou cruel só para mim? Quero acordar!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **MARISA BUELONI**
CADEIRA 32 - PATRONO: THALES CASTANHO DE ANDRADE

Naquele tempo...

Sou de um tempo maravilhoso, em que havia romantismo no ar. Havia romantismo numa caixa de bombons. Numa viagem de trem a São Paulo. Até o futebol era mais romântico.

Bom, sou do tempo do namoro sério. Já ouviu esta expressão, “namoro sério”? Então. Depois de um tempo de paquera, o cara vinha, dava um jeito de abordar a moça e fazia o pedido clássico: vamos namorar? Podia ser num encontro casual, na saída da missa, no cinema, passeando na praça central, subindo as escadas da faculdade. Mas havia o momento certo. A moça podia responder na hora ou pedir um tempo para pensar, que também era uma forma de fazer charme e criar suspense.

Enfim, depois de aceito o pedido, os dois começavam a sair. Lembro que a gente marcava o encontro na esquina, próximo de casa. Não era de bom tom uma aproximação muito direta, o rapaz vir buscar a moça no portão da casa dela. Havia um período litúrgico a ser respeitado. Mesmo que ele tivesse carro, deixava-o estacionado nas imediações e se encontrava com ela na esquina.

Até o momento em que – glória! – ele já podia vir pegá-la na porta de casa, ou no portão – sim, naquele tempo as casas tinham portão e jardim. O carro dele ficava estacionado em frente da casa dela e os dois desciam a rua a pé, rumo ao centro da cidade, para irem ao cinema, à faculdade, para irem a algum lugar, um bar, uma pizzaria. Ou para sentar nos bancos da praça, no jardim em frente à Catedral. Inacreditável? Comigo foi assim.

Foi numa destas descidas de rua a pé, que pedi ao mais lindo dos meus namorados: “dá a mão para mim?”. É que, no início do namoro, mesmo andando lado a lado, o moço não pegava de cara na mão da namorada. Iam ambos de mãos abanando, ela ajeitando o cabelo e ele fumando um cigarro. Era mais um outro tempo litúrgico a ser observado. E como vi que ele era meio tímido, tomei a iniciativa.

Na hora, ele ficou sem graça. “Mas pode?”. “Por que não?”.

Anos depois, ele diria que achara muito cedo, um escândalo para a época, em pleno começo de namoro. Mas, desde sempre, sofro de um incontrolável espírito de transgressão e não ia deixar passar batido.

Depois de um tempo descendo a rua a pé, de mãos dadas, os pais permitiam que os dois saíssem de carro. Que conquista! Que momento maravilhoso! Poder entrar no carro do namorado, rodar a cidade, sair, tomar sorvete no carro, comer pipoca, conversando horas sem fim, abraçar o namorado, enfim, você sabe como são lindos os carinhos e o amor dos apaixonados.

Se algum jovem me lê neste momento, saiba, meu anjo, que aquele foi um tempo glorioso. Que maravilha sair de carro com o namorado! Poderia haver sonho mais belo, aos 20 anos, ouvindo “Aquarius”? Toda uma geração viveu este sonho. Então, nós saíamos de carro há um bom tempo, quando ele perguntou se não estava na hora de ficarmos noivos. Ah, naquele tempo, havia etapas a serem cumpridas: 1) paquera, 2) namoro, 3) noivado, 4) casamento, 5) primeiro filho, 6) batizado, 7) segundo filho... Então, ele me levou a uma joalheria, compramos as alianças, escolhemos juntos. Bem simples. E ficamos noivos.

Mas, numa noite, ele conversou seriamente. Queria espaço, liberdade, um lugar só nosso. Uma casa. Deixar de morar com os pais, ser totalmente independente. Nós éramos noivos e pra quem já tinha começado aquela história pedindo “pega na minha mão”, não custava nada fazer um pedido de casamento. Pois eu fiz o pedido. Virei para ele: “Então, se é assim, quer casar comigo?”.

Ele me olhou profundamente nos olhos. Tremi. Alianças de noivado se usam na mão direita e ele disse: “Vamos passá-las para a mão esquerda?”. Respondi: “Você é quem manda”. E marcamos o casamento.

Eu já havia feito duas faculdades, trabalhava, ele também trabalhava e começou a comprar nossos móveis. Levou-me para ver algumas coisas, mas escolheu quase tudo do gosto dele, sem eu saber. Até o tapete da sala. Guardo com muito amor as lembranças daquele tempo, quando eu pedi “pega na minha mão?” – e fui pegando eu na mão dele. E do “quer casar comigo?”. Nas duas vezes – e em milhões de outras – ele sempre disse “sim”. Era um

doce de pessoa.

Dentro do meu coração, continuo dizendo o meu “sim” de amor eterno para ele, todos os dias. E, olhando as estrelas profundas no céu, pergunto rezando: quer casar comigo?

Luz para o mundo

Quando é que um texto se torna luz para o mundo? Quando ele provoca, de alguma forma, uma revolução formidável na vida das pessoas? Quando ele causa uma iluminação interior? Quando ajuda alguém a pensar em coisas como justiça, cidadania, direitos? Quando ele faz um ateu acreditar em Deus? Quando mata a fome de beleza? Quando, afinal, um texto se torna luz para o mundo?

Fui assistir a uma missa na capela do Carmelo, aqui em Piracicaba. Vi uma freira carmelita, majestosamente paramentada com o hábito marrom e branco. Igual a Santa Tereza d’Ávila. Uma verdadeira aparição. Não resisti, aproximei-me dela e disse: “Vestida assim, a senhora é luz para o mundo”. Ela me respondeu: “Reze por mim”.

Há muita fome e miséria em nosso próprio país, nós sabemos. Não é preciso que ninguém vá à África, para ir ao encontro de todo tipo de escassez. Rezo pelos humilhados e sem dignidade. Hoje, o que mais faço é rezar. Rezo pelos suicidas. Alguém me disse: “Não se reza pelos suicidas”. E a misericórdia divina? Somente Deus sonda os corações. A misericórdia divina é luz para o mundo.

Um poema pode ser luz para o mundo. A poesia carrega o germe da emoção e palavras são como bênçãos. Se a poesia não trouxer o alívio esperado, ao menos soprará em nosso ouvido um fonema oportuno, se lida em voz alta. E teremos louvado a Deus pela graça da audição. Ou da visão. Nossos cinco sentidos – e todos os outros – são luz para o mundo.

Os que cozinham a sopa para os pobres e a distribuem nas noites frias, os que ajudam a derrubar ditaduras, os que não têm medo de perder a própria vida, porque acreditam na alma, os que consomem seus corações e ideais na prática da coragem e da ousadia, os que se doam, anônimos e felizes – estes, certamente, são luz para o mundo!

Os pacificadores e os laboriosos, os que respeitam o próximo e são delicados em seus gestos e atitudes, os que arregaçam as mangas e os que repetem mil vezes a mesmíssima tarefa diária, porque, perseverantes, acreditam no milagre do sonho – estes possuem no peito a chama que é luz para o mundo.

Como se faz para manter acesa a centelha que incendiará o mundo? Como se sopra sobre esta fagulha frágil, para que não se desvaneça debaixo de nossos pés indiferentes? O que é preciso para alimentar este fogo benfazejo e nutritivo, este luminoso apelo de lutas e esperanças? Quem, hoje, neste mar revolto e escuro, pode ser luz para o mundo?

Vi na tevê um homem andando pelas ruas alagadas, carregando sua geladeira nas costas. Foi o que pôde salvar. Olhou para a câmera e disse: "Não tenho onde morar, vou dormir dentro da geladeira, eu e meus filhos". Um teto, camas, cadeiras, pão e café sobre a mesa é luz para o mundo.

Há tanta mediocridade à solta. Tanta mentira. Tanta incúria. Tanto desperdício. Tanta roubalheira. Tanta nudez. Tanta falta de gosto e de bom senso. Tanta injustiça. Tanta desgraça. Onde está a graça que dissipa as trevas do erro e da ignorância? Onde está aquele amor ao saber e à honra que eram luz para o mundo?

Ah, meus queridos, lindos da minha bem querença! Quem somos nós, neste exército de cansados? Contudo, lutemos juntos, para acender esta lâmpada necessária. Lutemos juntos, para manter aceso o fogo que aquece os corpos, mais que mil cobertores. Lutemos juntos, para soprar sobre as brasas do zelo apostólico e do afeto, da concretude e da solidez. Lutemos juntos, para que um novo mundo surja das sombras terríveis. Lutemos lado a lado, ainda que meros simulacros de cabecinhas de fósforos. Lutemos! Luz para o mundo!

Este mundo passará

Há pouco tempo, ouvi um padre fazendo uma pregação na tevê, abordando um tema difícilimo: a aceitação da nossa cruz. O sacerdote discorria sobre a maneira como todos buscam o alívio para suas dores, a resolução dos problemas e sofrimentos. De

fato, ninguém “deseja” sofrer, ninguém, de própria vontade, quer passar pela dor, seja física ou moral. Nossas orações, quase sempre, se constituem num pungente pedido de livramento. “Cura-me, Senhor, desta doença” – “Livra-me, Senhor, desta provação” – “Afasta de mim, ó Deus, estes terrores”. Nossas preces são uma contínua ladainha pedindo auxílio aos céus.

Então, ele afirmava que Jesus veio habitar em nosso meio e os problemas não foram resolvidos, as doenças não acabaram, tampouco as guerras, as misérias e as injustiças. E ele perguntou à plateia atenta: o que veio fazer Jesus ao vir a este mundo? Depois da Sua vinda, o mundo não se tornou melhor. Jesus veio, voltou para o Pai, mas o mundo não resolveu os seus problemas. Afinal, o que Jesus veio nos trazer?

O sacerdote tinha nas mãos o livro do papa Bento XVI, “Jesus de Nazaré”, onde o santo padre busca responder exatamente a esta pergunta crucial: o que veio Jesus trazer ao mundo? E a resposta é: Jesus veio nos trazer Deus. Veio nos trazer Aquele que é Amor, Ele mesmo, feito Homem no meio de nós. “Quem vê a mim, vê o Pai” (Jo 14:9).

Jesus não veio eliminar todos os conflitos, todas as doenças, acabar com a fome e com o desemprego, com a corrupção e as injustiças. Jesus conhecia o mundo e suas estruturas. Por isso, Ele veio nos trazer Deus. Veio nos mostrar o amor do Pai e como devemos lutar neste mundo. O sacerdote exortou: “Não fujam dos seus problemas, não fujam da dor. Cristo também sofreu. Não fuja da sua cruz. Abrace a cruz de cada dia e siga em frente”.

O padre dizia para não nos deixarmos seduzir pelos convites fáceis do tipo: “Pare de sofrer! Seus problemas acabaram!”. Nossos problemas, na verdade, nunca irão acabar. Herdamos esta luta, desde que o mundo é mundo, desde a expulsão de nossos primeiros pais do Paraíso e, de lá para cá, comemos o pão com o suor do nosso rosto. Isto é bíblico.

Uma criança vai se tornar jovem, este jovem ficará adulto e este adulto envelhecerá, experimentando a decrepitude e a passagem do tempo. Terá conhecido muitas alegrias e dores, terá lutado muito. Riu, chorou, sofreu, amou. Assim é a vida. Mas se lutou com Deus, alcançou a vitória. Se combateu o bom combate, merecerá

a coroa da glória. Cada dia neste mundo é um degrau a mais, um passo à frente, seguindo as pegadas banhadas de sangue do nosso amado Mestre.

Ninguém se engane: a porta é estreita. Ninguém se iluda com as falsas luzes e as promessas fáceis do mundo. Este mundo passa, só Deus não passa. Temos uma Revelação na qual crer, uma Igreja fundada por Cristo. A Igreja é viva, como Cristo é vivo. Ele morreu na Cruz para nos dar esta vida em Deus, por mais paradoxal isso pareça. “Este mundo passará”, dizia o padre, “este mundo não é a nossa casa”. Não, não é. Temos uma pátria celeste a nossa espera.

E além de existirem lutas infindas, dores e medos insuperáveis, a terra do homem vem sendo sacudida por catástrofes naturais, doenças, escassez de água, mudanças no clima, violência e total falta de amor. Mas o homem não desiste do mundo. Assim como Deus não desiste do homem. Este mundo passará. Deus não, Deus não passará jamais.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO NEWMAN RIBEIRO SIMÕES
CADEIRA 38 - PATRONO: ELIAS DE MELLO AYRES

Gramétrica

o ontem
sempre deixa abertas
as fronteiras
para que seu conteúdo
(vivido ou sonhado)
possa ser costurado
com linhas coloridas
num futuro....

o homem,
se verbo,
é imperativo;
o humano é gerúndio

o homem
é substantivo;
o humano
é que o torna verbo
conjugável

Como ser alguém sem presente?
Não Sou. Estou Sendo.

Nosostros

Ao Carlos ABC,
um compositor de outros

*Só serei eu na medida
em que fores tu.*
(M. Luther King)

quanto mais sou outros,
mais fontes de mim se abrem
e mais vozes em mim falam

sem esses outros
sinto-me só e indefeso
e menos me consolo

com essas luzes diversas,
mais luz eu tenho
para me sentir diverso
e me conjugar com outros

que esses “outros”
possam encontrar
um melhor lugar em mim
para que eles possam ser
o melhor de mim.

“nosostros” :
um coletivo de outros
que me fazem “eu”

Vida verde

*A árvore em repouso
pronuncia verdes orações.*
(Otávio Paz)
será que uma árvore pensa
que é móvel
e estranha a fixidez das pessoas?
será que vê gestos ao contrário?
será que admira
quando um homem
a está admirando?

mas como ela pensa?
e, se não pensa,
pense você como
ela pensaria

• • •

a árvore,
de enorme tronco
respira, indiferente,
um silêncio verde

tenho apenas uma voz
com raízes e asas
e
empresto meu olhar animal
para que as coisas
se vejam ao natural
livres de preconceitos
de meus pudores
de meus rancores
de meus temores
e até de meus amores

assim como
o sonho colorido da lagarta
já prepara a borboleta,
as árvores guardam
a memória das flores
que alimentam e
sabem dosar
doçura e amargor
aos seus frutos

os ipês sabem
que seiva trazer das raízes
para saudar a luz do Sol
com a beleza das cores

o gado pasta
a luz
que será alimento
para o Homem.

luzes
explodidas em flores
num barulho de parto
rompem horizontes
como água
que sonha a fonte

e a flor,
desejando o jardim,
poliniza-se
para dar asas às sementes

sei do vento
conhecendo a reação
das coisas que ele toca

assim,
num pôr do sol,
recolhi ventos e,
por palavras,
escrevo poemas
com notícias verdes

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA RAQUEL DELVAJE
CADEIRA 40 - PATRONO: ESTEVAM RIBEIRO DE SOUZA REZENDE

Continuação do poema Cantares da Travessia

XXII

E bem do alto do monte, pude ver
Verdes paisagens que nos rodeavam.
Ali um homem sério a me acolher,
Apontou-me o que as vistas alcançavam
E prometeu-me o que eu quisesse ter.

Mas sair dali era um sacramento
Eu não queria ilha nem o mundo...
Queria só cumprir o juramento,
Do maior sentimento e mais profundo.
De um amor que não sai do pensamento.

Eu só queria o navio por essa vez,
E navegar no mar com rumo certo,
E voltar para casa em altivez.
– Pois teu desejo agora não é incerto.
Disse-me o anjo em sua placidez.

XXIII

Eu descia o monte e meus pés saltitavam,
Eu ia cantarolando em pensamento,
Ali teus belos olhos me alegravam.
E no céu do infinito firmamento...
Em oração meus lábios balbuciavam.

E era em quase silêncio no meu mundo.
– Para de cochichar em meu cangote!
Escutou meu ouvido moribundo...
Presumiu que foi ao longe um coioote,
Que uivou no meu silêncio mais profundo.

Chegávamos ao pé do monte, ao certo,
Do outro lado da ilha, quase ao mar...
Um feroz javali, de mim bem perto,
Atacou-me com a fúria de matar.
Vi-me de novo com futuro incerto.

XXIV

Fui tomado por duro sentimento,
O medo dominou-me por inteiro.
Furioso, atacou-me um bicho atento.
E matei-o num golpe tão certo...
Mas gelou minha alma em pensamento.

O homem acompanhava-me no mote,
Estranhamente vi-lhe um sorriso
Forte vento feriu como um chicote,
Descemos pela praia bem concisos...
E chegamos bem rápido no bote.

Um navio esperava-nos ao mar.
O entardecer encheu-me de esperanças...
Tão em breve contigo posso estar.
Senti-me inebriado por lembranças,
Que desmaiam minha alma em teu olhar.

XXV

Atrelamos a um navio cargueiro.
Antes de eu conseguir chegar à proa,
Apresentou contrato corriqueiro,
Já se formava em mim uma garoa...
E eu vi em minha frente um nevoeiro.

Minha alma que daria o paraíso,
Deveria escolher entre ficar...
Entregar-me ao futuro, que impreciso,
Afogará-me impuras ondas mar,
De uma saudade e dor que cataliso.

E de um coração em desesperança,
De uma tristeza da alma que duvida,
São em teus olhos que minha alma descansa.
Se não posso te ter em minha vida,
Desejo pois, perder toda a esperança.

XXVI

Quando os pés iam alcançando a proa,
Faltava um passo para eu estar dentro
Daquele navio, que não era à toa,
Que veio ancorar em minha ilha centro,
Da solidão à loucura que me ecoa.

Contrato que eu estava a segurar,
E via-me na mais pura inocência
De que nada fiz para provocar,
Veio uma voz, bradou as incoerências,
Quando estava em perigo em alto mar,

Pude reconhecer a voz dorida,
Era a minha e gritava aos quatro ventos,
“Nem anjos nem demônios, minha lida,
Auxiliariam- me nesse momento”,
Instante em que o chamei em minha vida.

XXVII

Vi-me, do terremoto, o hipocentro.
Eu senti estremecer toda a minha alma
E o meu chamado veio tão de dentro,
Quando se escava com a unha e a palma.
Na amargura, é na fé que me concentro.

E naquele momento a indulgência,
Como fachos de luz que me ofuscando,
Trouxe-me aos poucos toda consciência,
E eu pude sentir Ele reavivando
Em meu espírito, essencial prudência.

Disse não – Eu não vou – Em pensamento,
E aquele homem de sério semblante
Transfigurou-se, no exato momento,
Era o mal com seus olhos congelantes
E eu na ilha, enclausurando sofrimentos.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **SHIRLEY BRUNELLI CRESTANA**
CADEIRA 27 - PATRONO: SALVADOR DE TOLEDO PISA

Ciclos

Todas as manhãs
a luz do sol se faz presente
nesta vida escravizante
e distribui cores e odores
nas praças
nos parques
nas ruas.
A natureza renasce
de um suspiro profundo
e mistura-se ao verde-esperança
deste enigmático mundo.

Coerência

Os poetas já não sabem o que dizem
estão plenos de intenções e de mentiras
só o Universo é coerente.
Estou perplexa
quero terminar este poema
porém
cinzas da incompetência
encobrem-me os meandros da mente
a aridez das ideias instala-se no meu espírito
procuro inspiração
nos espaços vazios dos átomos
apelo aos santos e à lua
e nenhum verso acontece.
Desisto
já tentei tudo
os astros são testemunhas...
Acho que vou entrar
depilar as pernas
e lixar as unhas...

Contemplação

Encaro a face pálida
dessa noite luarenta
purificando os pensamentos
com fogo imaginário e ardente.
Numa inexorável inquietação
meu ser busca respostas
e antes de qualquer descoberta
escondo-me
para que não me vejam assim
com a alma exposta
e essa ferida aberta...

Espera

Assim que chegar a noite
venha me livrar
meu bem
do estranho sentimento
que barulha no meu espírito.
Venha livrar-me
das garras dessas horas tristes
não espere o amanhecer.
Embarque na primeira estrela
traga um perfume
entoe uma canção de paz
e vista-me por favor...
Vista-me delicadamente
com uma aura de amor...

Madrugada

Vagarosamente
meu olhar passeia pelo Cosmo
seguido
por um cortejo de estrelas.

Aos poucos
os sentidos se apagam
enquanto meu espírito
em êxtase e glória
recicla
os parágrafos indesejáveis
das páginas de minha estória.

Medo de ser

Não sei se devo extravasar
meu arrebatamento de hoje
meus sentimentos de agora.
Amanhã ou depois
o que pensará você de mim?
Que fui
escandalosamente atrevida
pretendendo ser
a mulher dos seus sonhos
a dona de sua vida?

Recomeço

Os meus olhos decifram
o conteúdo e a forma
desta noite obscura e vazia.
Dentro do panorama mental
encontro ausências e rascunhos
onde tudo está escrito...
Amanhã
certamente
o devotado sol
nascerá outra vez
trazendo anjos
com asas de fogo
para aquecer meu espírito...

Rumos

Procuro um motivo
um guru
um livro
qualquer coisa que me impulsione
na escalonada evolutiva
dessa espantosa vida.
O espaço-tempo não existe
assim
encorajada
pelo sol rutilante dessa tarde
uma força
me impele a vagar sem destino
pela égide
dessas horas quentes e quietas.
Ando a esmo como ermitão
ou cachorro sem dono
a fuçar os restos
de flashes sedativos
dessa incrível
e imensurável solidão...

Sons da noite

Não quero só a paz da noite
nem as estrelas do céu.
O que eu preciso
é de um gesto de luz
de alguém
que não me lembre saudade
e venha de braços abertos
me oferecer
um punhado de rosas
ou simplesmente um jasmim...
Preciso de alguém
com sorriso de sábado

que traga
um vinho e um violão
e cante docemente
só para mim...

Tentativa

Alço voo aos planos siderais
onde as estrelas
tocam lira com os anjos
e deixo para depois
a difícil arte de te esquecer.
Dentro dessa realidade transitória
sob o traje poético da dor
tento livrar-me
do peso cármico
desta vida inglória...

Vinho seco

O vinho
percorre caminhos inusitados
enfraquece a prudência
e mãos deslizam
nas curvas dos desejos
entre ilusões de cetim
num sonho desalinhado
pela urgência do querer.
Barcos sem leme
apressados e sedentos
zarpam antes das palavras
e quase inesperadamente
navegam rumo ao oceano
numa explosão
de cores e espumas...

Piracicaba – cheia de Flores

Quando escrevemos a coleção “Piracicaba conhece e preserva”, em 2010, a amiga professora Marly Therezinha Germano Percin e eu, destinamos um dos volumes, o de número 08 – para falarmos de nossas flores...

Piracicaba, como está em seu Hino Oficial é realmente, uma cidade “cheia de flores, cheia de encantos”.

Embora sejam pouquíssimas as suas matas, seus bosques, as flores continuam colorindo e enfeitando nossa terra. Só que elas não estão mais forrando o chão, em arbustos, mas especialmente nas árvores.

Quando se aproxima a primavera, a uma profusão de flores e cores nas ruas, avenidas, algumas praças. Destacam-se os ipês, roxos, amarelos, brancos, cujas as copas floridas oferecem um espetáculo maravilhoso aos nossos olhos, às nossas almas...

Nos tempos de hoje, onde a humanidade fria, calculista, apressada, perdeu, em grande parte sua sensibilidade, contemplar a beleza das árvores cobertas de flores pode ser um exercício de paz, comunhão com a vida, comunhão com Deus.

Muitas delas, especialmente os ipês, os jacarandás mimosos, ao perderem suas flores deixam no chão um tapete colorido, como para se despedirem de nós com carinho. Deveríamos pisar neles, com respeito, gratidão a Deus!

Você já parou para contemplar essa beleza? Gratuitamente a natureza se oferece a todos nós!

Tristemente assistimos muitas delas sendo assassinadas por motosserras, por razões as mais diversas... Inconcebíveis para quem ama e respeita a natureza... Quantas avezinhas perdem seus ninhos, seus filhotes nessa destruição de árvores... e... também se perdem a qualidade do ar que respiramos, a temperatura amena que suas sombras nos oferecem...

Muitos se esquecem que, as árvores quando florescem, oferecem aos insetos a polinização – responsáveis por termos alimen-

tos até hoje... apenas isso!

Em vez de cortarem árvores, por que não cuidarmos melhor delas? Bem conduzidas, por técnicos responsáveis, não atrapalham a rede elétrica, não estouram as calçadas...

Assim, elas poderão continuar nos oferecendo sombra, beleza, alimento, sendo abrigo para muitos animais.

E, principalmente, não nos esqueçamos que somos parte dessa natureza exuberante que é obra prima do Criador! Somos apenas uma parte dessa obra divina... vamos respeitá-la melhor, tratá-la com mais cuidado!

Ela foi o presente que Deus nos ofereceu... ELE quis, ao nos criar, nos dar um lugar maravilhoso para vivermos...

Será que estamos mesmo merecendo esse presente?

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO VITOR PIRES VENCovsky
CADEIRA 30 - PATRONO: JORGE ANÉFALOS

Já para casa, filho!

O quinto filho era paparicado por todos os irmãos mais velhos. Seus pedidos eram sempre atendidos. Ele nem precisava de uma lâmpada mágica. Parece que não tinha limites em suas realizações e artimanhas. A criança era o centro das atenções e motivo de muitas risadas pelas histórias engraçadas que colecionava.

Os irmãos tomavam conta dele, pois os pais estavam sempre ocupados em suas atividades diárias. Como em toda família numerosa, gerenciar as relações e os acontecimentos era sempre um grande desafio.

Em determinado dia, o quinto filho sumiu. A família toda se mobilizou. A preocupação aumentava a cada minuto pela falta de notícias dele. Os vizinhos foram acionados, mas nada do moleque aparecer.

Depois de muito procurar, o filho foi localizado em uma igreja logo na esquina. A mãe encontrou-o no altar de boca aberta e olhos arregalados. O pastor estava realizando um trabalho naquele momento. Todos se assustaram com o grito da mãe: “Já para casa, filho!”. E assim terminou muito bem mais um dia divertido, que entrou para a história desse filho abençoada e querido por todos.

Aventuras para a escola

Na época em que as famílias eram numerosas, as mães da vizinhança se ajudavam ao máximo. Elas procuravam matricular os filhos nas mesmas escolas, para facilitar o leva e traz ao longo do ano. Apesar de todo o esforço, levar as crianças para a escola era sempre uma grande aventura.

A mãe da vez tinha que se desdobrar para que todos os filhos chegassem inteiros à escola. Todos os espaços do veículo eram utilizados para caber o máximo possível de crianças. Quando o carro parava na escola, todas as portas eram abertas, inclusive a terceira, que dava acesso ao motor traseiro, muito comum nos modelos

Variant e Brasília da Volkswagen.

Mas o carro campeão de histórias, que marcaram a vida das crianças, foi o Gordini. Era um veículo muito pequeno, mas, com um jeitinho de mãe, sempre cabia mais uma criança. A preocupação com a segurança não existia naquela época. Provavelmente, os anjos tinham mais tempo disponível.

Quando a mãe motorista pisava no freio e na embreagem, o aluno copiloto pisava no acelerador para o motor não morrer. Nas subidas mais íngremes, o trabalho em equipe era muito importante. Para o Gordini não voltar de ré, um aluno descia e colocava um tijolo na roda.

Todos os alunos trabalhavam em sincronia quando o motor morria. Eles desciam e empurravam para fazer o motor roncar novamente.

E assim, dia após dia, viagem após viagem, as crianças juntavam muitas histórias engraçadas para contar na escola.

A Torre de Babel e as torres de papel

Numa jornada pelo emaranhado da história, encontramos torres que, apesar de distantes, em materialidade, compartilham similaridades profundas. A Torre de Babel e a Torre de Papel.

Desde tempos imemoráveis, as torres têm representado muito mais do que simples estruturas físicas. Elas são manifestações de aspirações humanas, sejam elas materiais, psicológicas, políticas, religiosas ou de status.

A motivação por trás da construção de torres transcende o simples desejo de alcançar grandes alturas. Ela reflete a busca incessante por superação, poder e reconhecimento.

A Torre de Babel, em sua natureza, é um exemplo emblemático desse desejo humano. Sua motivação, permeada por nuances sociais e religiosas, almejava alcançar os céus e desafiar a autoridade divina. Seus construtores, inspirados pela grandiosidade e unidade, idealizaram um monumento que rivalizava com os próprios deuses. Porém, problemas surgiram quando a comunicação entre os trabalhadores começou a falhar, cada um falando uma língua diferente, resultado na incompreensão e discordância, quando resultou na dispersão das pessoas e abandono das obras.

Atualmente, encontramos amostras do desentendimento social em todas as camadas da sociedade organizada, imersos em um mar de burocracia e ilegalidade.

Por exceção, por excesso de informação trazida pelas redes virtuais, tem-se a impressão que estamos começando a nos desentender.

As torres de papel, representadas pelos cartórios de diferentes atividades, como o geográfico, de imóveis, como carros e outros veículos, de nascimento, de óbito e muitos outros que se disseminaram pela sociedade, acompanhando seu desenvolver, hoje já se transformando em torres virtuais, já comanda as atividades humanas das antigas torres de papel com seus inúmeros termos de significação e códigos a saber: laudos, notificações, embargos,

atestados, retificações, autorizações, procurações e muitos outros sonhos.

Neste mundo, aonde se começam a ser sentidas as múltiplas diversidades da vida biológica micro e macro, da vida mental da ignorância do conhecimento, a sabedoria da aceitação, nesse processo do entendimento, pergunta-se quando o desentendimento humano pode ser corrigido? Pelo que se costuma observar, o processo do raciocínio lógico não está sendo suficiente para galgarmos a esperança de uma outra linguagem que não fosse a da razão que leva ao pensamento científico, a linguagem da simbologia que levou o entendimento de como chegamos até aqui; a linguagem fisionômica que deu desenvolvimento a um certo grau de ascensão ao lógico; a linguagem política que continua a nos empurrar para a dúvida da clareza da razão de viver; da linguagem do gesto que são absorvidos de maneira lenta e não são propostas para o começo de conversa; a linguagem do coração diretas aos sentimentos para adotarmos essa nova tentativa de reaver a paz interior sem dispensar o aspecto científico, com o “Existo, logo sinto”.

APL EM AÇÃO 2023

SETEMBRO

Mais uma geladeira literária foi instalada, na Associação dos Surdos de Piracicaba (ASSUPIRA).

OUTUBRO

No dia 19 de outubro, na Biblioteca Municipal, a escritora Iva na Maria França de Negri lançou o quinto livro da série Lendas de Piracicaba. O livro, que conta a Lenda do Túmulo do Padre Galvão”, foi ilustrado pelas suas netas Ana Laura e Ana Liz de Negri Kantovitz e publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.





Dia 31, durante o evento do Divino na ESALQ, os grupos literários participam com uma exposição de textos ilustrados sobre o tema.

O escritor e contador de histórias Evair Souza, participou do evento “Uma Noite no Museu” e contou as lendas piracicabanas escritas pela acadêmica Ivana Negri.

NOVEMBRO

Dia 1º de novembro acontece mais uma Oficina Literária, realizada pelos grupos literários e coordenada desta vez, pelo acadêmico Cassio Camilo Almeida de Negri.

Dia 16, a escritora acadêmica Bianca Rosenthal autografou seu livro “Castelo tão Triste”

A quarta edição da FLIPIRA – Festa Literária de Piracicaba – aconteceu nos dias 24, 25 e 26 de novembro nos galpões 9 e 14 do Engenho Central. Coordenada pelos grupos literários, IHGP e

vários parceiros, teve oficinas diversas, música, sarau, concurso literário, lançamentos de livros, palestras, apresentação de teatro entre outras atrações.



A escritora acadêmica Ivana Maria França de Negri lançou o livro infantil “Thales Castanho de Andrade” da coleção Personagens da História de Piracicaba na Flipirinha. Ilustrações de Ana Laura e Ana Liz de Negri Kantovitz.

E no dia 23, Ivana esteve no “Café co Dorfo”, programa da Rádio Portal Nova 15, sendo entrevistada por Adolpho Queiroz e pela acadêmica Elisabete Bortolin, falando sobre a Coleção das Lendas de Piracicaba e o lançamento, na Flipira, do Livro sobre a vida de Thales Castanho de Andrade.

Escritora e acadêmica Bianca Rosenthal autografou o livro infantil “O Castelo de Doces” na Flipirinha.



A historiadora e acadêmica Marly Percin relançou na Flipira o livro “Rosarinho”.



DEZEMBRO

Oficina de embalagens Natalinas, a cargo das acadêmicas Ivana Negri e Carmen Pilotto, aconteceu na Biblioteca Municipal

Às 19h30 lançamento do livro “Colecionando Memórias – 20 anos do Martha Watts” no Museu Martha Watts, coletânea de vários autores coordenada por Joceli Cerqueira Lazier, pelo jornalista Reinaldo Diniz e pela historiadora Ana Paula Paschoaldeli, que apresentou textos de vários acadêmicos.

No dia 6, reuniram-se os jurados: André Bueno Oliveira, acadêmica Carmen Fernandes Pilotto, Erico San Juan, acadêmica Ivana Maria França de Negri e William Basso, para a escolha dos finalistas do Microcontos de Humor 2023

No dia 7, reuniram-se os jurados para a escolha dos premiados do Escriba de Crônicas André Bueno Oliveira, acadêmico Edson Rontani Junior, Claudia Assencio de Campos, Rafael Bittencourt e Alexandra Jacob

A acadêmica Carmen Pilotto teve seu painel sobre Portinari selecionado num concurso e ganhou viagem com estadia em Brodowski, onde visitou museus e participou de palestras e vasta programação.



Aconteceu dia 9, o almoço de confraternização do IHGP e APL no restaurante Monte Sul, com lançamento do livro *Rosarinho* de Marly Percin.



A confraternização dos grupos literários CLIP, GOLP e APL aconteceu na Biblioteca Municipal, dia 16 de dezembro com comes e bebes, amigo secreto e leitura de poemas.



A acadêmica Carmelina Toledo Pisa promoveu uma tarde de artes e contos de Natal no dia 20 de dezembro, na Biblioteca Municipal.

Premiados no Escriba de Crônicas, escolhidos entre o total de 681 inscrições:

O primeiro lugar ficou para Denis Pompermayer Stenico, de Piracicaba, com a crônica *A Terceira Janela*. Em segundo lugar ficou Cassio Giorgetti, de São Paulo, com *A Luz*. O terceiro lugar ficou com a acadêmica piracicabana Ivana Maria França de Negri, com a crônica *Silêncio*. Foi escolhida como a melhor de Piracicaba a crônica *O Botão*, de Maribel Cajete Vasquez.

APL EM AÇÃO 2024

JANEIRO

No dia 18 a acadêmica, escritora e contadora de histórias Carmelina de Toledo Piza realizou uma oficina de Mandalas a partir do seu livro “Constelações de Deusas e Mandalas”.

Os escritores Adolpho Queiroz e a acadêmica Elisabete Bortolin comemoram 1 ano do programa Cultural “Café co Dorfo”.



No dia 27 de janeiro, no evento os acadêmicos Cassio Camilo Almeida de Negri e Ivana Maria França de Negri leram respectivamente um texto e uma poesia com tema sobre o Holocausto no evento “We Remember”.



FEVEREIRO

O produtor Cultural Elson de Belém anuncia os finalistas do Prêmio Pirarazzi de Cultura, melhores de 2023.

Na área de literatura os acadêmicos:

Melhor livro: “Almanaque Piracicaba Século XXI” de Barjas Negri

Melhor escritor: Ivana Maria França de Negri

Melhor contador de histórias: Carmelina de Toledo Pisa

MARÇO

As escritoras e acadêmicas Carmen Pilotto e Ivana de Negri tiveram suas obras selecionadas na mostra “Batom, Lápis e o que Elas quiserem” que ficaram expostas no Engenho Central.

O dia Nacional da Poesia foi comemorado com distribuição de poesias na Estação da Paulista e com um Sarau na Escola dr. Prudente, com alunos, professores e poetisas dos grupos literários CLIP, GOLP e APL, que apresentaram um Jogral.



A escritora e contadora de histórias Carmelina Toledo Pisa conta histórias para crianças num Projeto desenvolvido com a Casa do Amor Fraterno.

Dia 23 aconteceu a Festa da Amazônia em Piracicaba com danças típicas, música, contação de Lendas, palestras, poesia e gastronomia. Idealizada por Elson de Belem, realização Piraraz-

zi Eventos e a acadêmica Ivana Negri participou lendo o poema “Amazônia”.

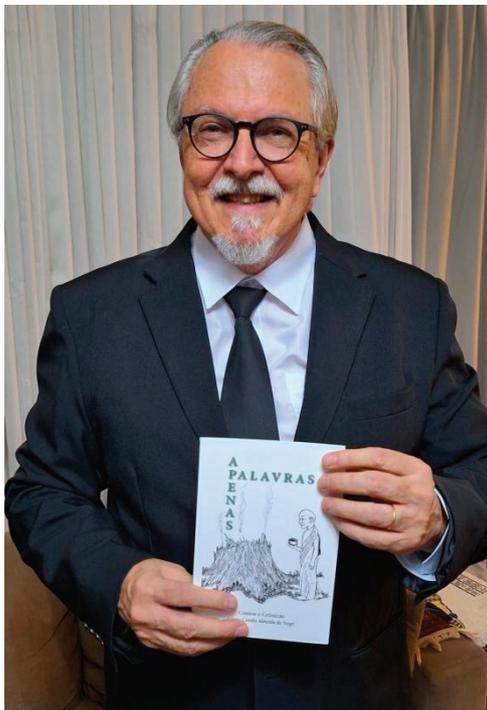
ABRIL

A Oficina Literária do mês de abril ficou sob a responsabilidade da escritora acadêmica e contadora de Histórias Carmelina Toledo Piza.



O IHGP promoveu uma palestra “Paulistas que Somos” proferida pela acadêmica escritora e historiadora Marli Germano Percin na sede do IHGP.

Dia 15, o médico escritor e acadêmico Cassio Camilo Almeida de Negri lançou o livro “Apenas Palavras”, com ilustrações do filho Cassio Fernando França de Negri, na sede da Loja Maçônica Piracicaba. São textos reflexivos, crônicas e contos, que eram lidos toda semana no Programa de Rádio Pira 21.



O acadêmico Cássio Camilo Almeida de Negri foi entrevistado pelo também acadêmico João Nassif para a página de entrevistas na TRIBUNA “Histórias e Memórias”, e também foi entrevistado no Programa Café co Dorfho, que tem a acadêmica Elisabete Bortolin no comando com Adolpho Queiroz. Também foi entrevistado na Educativa FM e pelo jornalista César Costa.

Com apoio da Academia Piracicabana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Rotary, Rotaract, AFROP,

Igreja Universal e projeto Furtacor, foi criado um espaço de leitura com biblioteca, computador, videogame, televisão e outros equipamentos para jovens em processo de ressocialização do CAIP. Diretores da Fundação Casa entregaram Diploma para o presidente da Academia Piracicabana de Letras Vitor Pires Venkovsky e para a vice presidente da APL Carmen Pilotto.



Evento de encerramento e premiação do concurso Literário da Flipira 2023 aconteceu dia 23, no anfiteatro da ACIPI – Associação Comercial de Piracicaba, com apresentações das acadêmicas Ivana Negri, Carmen Pilotto e Bianca Rosenthal.

O contador de Histórias Evair Sousa participou de um projeto no SESC de contação das Lendas Piracicabanas, usando os livrinhos das Lendas de Piracicaba para crianças de autoria da acadêmica Ivana de Negri.

MAIO

A Oficina Literária do mês de maio foi transferida para a fazenda da escritora acadêmica Leda Coletti com a presença de vários escritores participantes das oficinas.

**JUNHO**

No dia 22 o acadêmico da APL Antonio Filogênio de Paula Júnior em parceria com Aboua Kumassi Blaise, doutor em Literatura pela USP, lançou o livro “Jornadas com Amadou Hampâté Bá: Diálogos entre África-Brasil” na Biblioteca Municipal.



A oficina de junho realizada pelos Grupos Literários ficou a cargo da escritora Marcela Montrazzi.



A acadêmica contadora de histórias Carmelina Toledo Pisa e mais 17 artistas organizaram na Biblioteca Municipal a exposição “Onde estão as Mulheres Artistas?”, de 29 a 03 de agosto. E no dia 30, Carmelina passou a tarde contando histórias na Pinacoteca Municipal.



O acadêmico Waldemar Romano foi entrevistado pelo também acadêmico João Nassif na coluna Histórias e Memórias da Tribuna Piracicabana.



O acadêmico e presidente do IHGP Edson Rontani Junior, proferiu palestra sobre os 92 anos da Revolução Constitucionalista de 32, nas dependências do Museu Prudente de Moraes.



As acadêmicas Raquel Delvaje e Elisabete Bortolin estiveram na Feira do Livro em São Paulo e trouxeram muitas ideias para a FLIPIRA.



O presidente da APL Vitor Pires Vencovsky falou sobre os escritores piracicabanos que atuaram na Revolução de 32.



Os grupos Literários CLIP/GOLP/APL promoveram a oficina mensal do mês de julho, na Biblioteca, sob o comando da escritora Nina Oliva.



No dia 30, a Academia Piracicabana de Letras realizou a Assembleia Geral para eleição de novos membros seguida da tradicional Festa Junina. Foram eleitos para as duas vagas do quadro de acadêmicos os escritores Marcelo Pereira da Silva e Eliete de Fátima Guarnieri.

DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS**Triênio 2022-2025****Presidente** - Vitor Pires Vencovsky**Vice-Presidente** - Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto**Primeira Secretária** - Ivana Maria França de Negri**Segunda Secretária** - Valdiza Maria Caprânico**Primeiro Tesoureiro** - Edson Rontani Junior**Segundo Tesoureiro** - Alexandre Sarkis Neder**Diretoria de acervo** - Raquel Araújo Delvaje**Conselho Fiscal**

Waldemar Romano

Cássio Camilo Almeida de Negri

Aracy Duarte Ferrari

Conselho Editorial

Evaldo Vicente

Edson Rontani Júnior

Ivana Maria França de Negri

Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

Galeria Acadêmica

- Alexandre Sarkis Neder** – Cadeira nº 13 (Dario Brasil)
- Angela Maria Furlan** – Cadeira nº 25 (Francisco Lagreca)
- Antonio Carlos Fusatto** – Cadeira nº 6 (Nélio Ferraz de Arruda)
- Antonio Filogenio de Paula Junior** – Cadeira nº 12 (Ricardo Ferraz de Arruda Pinto)
- Aracy Duarte Ferrari** – Cadeira nº 16 (José Mathias Bragion)
- Armando Alexandre dos Santos** – Cadeira nº 10 (Brasílio Machado)
- Barjas Negri** – Cadeira nº 5 (Leandro Guerrini)
- Bianca Teresa de Oliveira Rosenthal** – Cadeira nº 31 (Victorio Angelo Cobra)
- Carmelina de Toledo Piza** – Cadeira nº 29 (Laudelina Cotrim de Castro)
- Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto** – Cadeira nº 19 (Ubi-rajara Malagueta Lara)
- Cássio Camilo Almeida de Negri** – Cadeira nº 20 (Benedito Evangelista da Costa)
- Christina Aparecida Negro Silva** – Cadeira nº 17 (Virgínia Prata Gregolin)
- Edson Rontani Júnior** – Cadeira nº 18 (Madalena Salatti de Almeida)
- Elda Nympha Cobra Silveira** – Cadeira nº 21 (José Ferraz de Almeida Junior)
- Eliete de Fátima Guarnieri** – Cadeira nº 22 (Erotides de Campos)
- Elisabete Jurema Bortolin** – Cadeira nº 7 (Helly de Campos Melges)
- Evaldo Vicente** – Cadeira nº 23 (Leo Vaz)
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira nº 33 (Fernando Ferraz de Arruda)
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira nº 1 (João Chiarini)
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira nº 34 (Adriano Nogueira)
- João Umberto Nassif** – Cadeira nº 35 (Prudente José de Moraes Barros)
- Leda Coletti** – Cadeira nº 36 (Olívia Bianco)
- Lídia Varela Sendin** – Cadeira nº 8 (Fortunato Losso Netto)

Marcelo Batuira da Cunha Losso Pedroso – Cadeira nº 15 (Arquimedes Dutra)

Marcelo Pereira da Silva – Cadeira nº 28 (Delfim Ferreira da Rocha Neto)

Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins – Cadeira nº 26 (Nelson Camponês do Brasil)

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – Cadeira nº 3 (Luiz de Queiroz)

Maria Madalena Tricânico de Carvalho Silveira – Cadeira nº 14 (Branca Motta de Toledo Sachs)

Marisa Amabile Fillet Bueloni – cadeira nº 32 (Thales castanho de Andrade)

Marly Therezinha Germano Perecin – Cadeira nº 2 (Jaçanã Althair Pereira Guerrini)

Mônica Aguiar Corazza Stefani – Cadeira nº 9 (José Maria de Carvalho Ferreira)

Myria Machado Botelho – Cadeira nº 24 (Maria Cecília Machado Bonachela)

Newman Ribeiro Simões – Cadeira nº 38 (Elias de Mello Ayres)

Paulo Celso Bassetti – Cadeira nº 39 (José Luiz Guidotti)

Raquel Delvaje – Cadeira nº 40 (Barão de Rezende)

Shirley Brunelli Crestana – Cadeira nº 27 (Salvador de Toledo Piza Junior)

Valdiza Maria Caprânico – Cadeira nº 4 (Haldumont Nobre Ferraz)

Vitor Pires Vencovsky – Cadeira nº 30 (Jorge Anéfalos)

Waldemar Romano – Cadeira nº 11 (Benedicto de Andrade)

Walter Naime – Cadeira nº 37 (Sebastião Ferraz)

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br
Fone 19 3451-5440 / Whats 19 99956-0056

REVISTA APL - Nº 21
foi confeccionada em impressão digital, em novembro de 2024
Impresso em Bookbold 80g – Bignardi

